

# **Parte III**

## **Bibliografia**

## Referências bibliográficas

AGUIAR e SILVA, Vítor Manuel. *Teoria da literatura*. 8 ed. Coimbra: Almedina, 1991.

ANTTI AARNE. Leitfaden der vergleichenden Märchenforschung. In *FF Communications*, nº 13, Hamina, 1913.

\_\_\_\_\_. *The types of the folktale; Antti Aarne's Verzeichnis der Märchentypen* (FF Communications nº 3, Translated and Enlarged by Stith Thompson, Helsinki, 1987).

\_\_\_\_\_. Verzeichnis der Märchentypen. In *FF Communications*, n. 3, Helsinki, 1910.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaskman. 2 ed. Rio de Janeiro : LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1981. Título original: L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime

\_\_\_\_\_. Por uma história da vida privada. In: \_\_\_\_\_ e Chartier, R. (org.). *História da Vida Privada*,. 3: da Renascença ao Século das Luzes. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991. pp. 07-19. Título original: Histoire de la vie privée, 3: De la Renaissance aux Lumières.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução*. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BAHR, Ehrhard. *Geschichte der deutschen Literatur*, 2, Von der Aufklärung bis zum Vormärz. Tübingen: Francke, 1987.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. 2ª ed. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: PUC-Rio, [s.d.]. Título original: Die Aufgabe des Übersetzters.

\_\_\_\_\_. A Tarefa – Renúncia do Tradutor. In: Heidermann, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis : UFSC, 2001. p. 188-215.

\_\_\_\_\_. Die Aufgabe des Übersetzters. In: Gesammelte Schriften, IV-1. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1972. p. 09-21.

\_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política , Obras escolhidas*, 1. 2 ed. Tradução. de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. A modernidade. In: \_\_\_\_\_. *A modernidade e os modernos*. Tradução de Heidrum Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. Título original: Das Argument, n° 46 e Schriften.

BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger*. [Paris]: Gallimard, 1984.

BESSIÈRE, Irène. *Le récit fantastique*. Paris : Larousse, 1974.

BLANCHOT, Maurice. A solidão essencial. In: \_\_\_\_\_. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. Título original: L'espace littéraire

\_\_\_\_\_. Le chant des sirènes. In: \_\_\_\_\_. *Le livre à venir*. [Paris] : Gallimard, 1959 [©] p. 08-37.

BLANKERTZ, Herwig. *Die Geschichte der Pädagogik*. Wetzlar : Pandora, 1982.

BOLLÈME, Geneviève. *El pueblo por escrito: significados culturales de lo popular*. Tradução de Rosa Cuminsky de Cendrero. México , D.F.: Grijalbo, 1990. Título original: Le peuple par écrit.

BRANDÃO, Junito. *Dicionário Mítico-etimológico da mitologia grega*. 4<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRAVO, Victor. *Los poderes de la ficción*. Caracas: Monte Ávila, 1985.

BRAZ, Júlio Emílio. *Rapunzel: recontado por Júlio Emílio Braz*. São Paulo: FTD, 2003.

BRÜDER GRIMM. *Märchen der Brüder Grimm*. Urfassung nach der Originalhandschrift der Abtei Ölenberg im Elsass. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1927

\_\_\_\_\_. *Kinder-und Hausmärchen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996. (Vergrößerter Nachdruck der zweibändigen Erstausgabe von 1812 und 1815 nach dem Handexemplar des Brüder Grimm-Museum Kassel mit sämtlichen handschriftlichen Korrekturen und Nachträgen der Brüder Grimm)

\_\_\_\_\_. *Briefwechsel der Brüder Grimm*, Vol. 1-1. Kritische Ausgabe in Einzelbände. Stuttgart : Hirzel, 2001.

\_\_\_\_\_. *Contos de Grimm*. Tradução de Heloisa Jahn de *Contes de Grimm*. São Paulo : Cia das Letrinhas, 2000.

\_\_\_\_\_. *Kinder- und Hausmärchen*. Stuttgart : Philipp Reclam, 1982. 3 V. (Ausgabe letzter Hand mit den Originalanmerkungen der Brüder Grimm).

\_\_\_\_\_. *Kinder –und Volksmärchen*. 2<sup>a</sup> Eschborn bei Frankfurt a. Main : Klotz, 1999.

BRUNEL, P.; PICHOS, C.; ROUSSEAU, A-M. *Que é literatura comparada*. São Paulo : Perspectiva, 1990.

BÜRGER, Christa. Literarischer Markt und Öffentlichkeit am Ausgang des 18 Jahrhunderts in Deutschland. In: \_\_\_\_\_ ; BÜRGER, Peter e SCHULTE-SASSE, Jochen (org.). *Aufklärung und literarische Öffentlichkeit*. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1980.

BURKE, Peter. En busca de la cultura popular. In: \_\_\_\_\_ . *La cultura popular en la Europa moderna*. Madrid: Alianza, 1978.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: *Metalinguagem*. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 21-38

CARVALHAL, Tânia Franco. A literatura comparada na confluência dos séculos. In: CUNHA, Eneida Leal. (org.). *Literatura comparada: ensaios*. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 11-18

CARVALHAL, Tânia Franco. *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CASTAN, Nicole. O público e o particular. In: CHARTIER, Roger (org.) *História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991. pp. 413-453. Título original: *Histoire de la vie privée, 3: De la Renaissance aux Lumières*.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÉS, Philippe. CHARTIER, Roger. (org.) *História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991. pp. 113- 161. Título original: *Histoire de la vie privée, 3: De la Renaissance aux Lumières*

\_\_\_\_\_. Do livro à leitura. In \_\_\_\_\_ (org.). *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação liberdade, 1996. p. 77-105. Título original: *Pratiques de la lecture*.

\_\_\_\_\_. Leituras e leitores “populares” da Renascença ao período clássico. In: \_\_\_\_\_; CAVALLO, Guglielmo. *História da leitura no mundo ocidental*. 2 v. V. 2. Tradução de Claudia Cavalcanti e outros . Rio de Janeiro: Ática, 1999. pp. 117-134. Título original: *Histoire de la lecture dans le monde occidental*.

\_\_\_\_\_. *Do palco à página*. Tradução de Bruno Feitler. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

CHAUÍ, Marilena. Sobre o medo. In: CARDOSO, Sérgio et al. (orgs.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia das Letras, 1987. p. 35-75

CHEVREL, Yves. Le texte étranger : la littérature traduite. In \_\_\_\_\_; BRUNEL, Pierre (org.). *Précis de littérature comparée*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989. p. 57-83.

CHIAMPI, Irleamar. *O realismo maravilhoso*. São Paulo : Perspectiva, 1980.

CLAUSEN- STOLZENBURG, Maren. *Märchen und mittelalterliche Literaturtradition*. Heidelberg : Winter, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil*. 2 ed. São Paulo: Quiron/Global, 1982.

COLMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. Tradução de Laura Sandroni. . São Paulo: Global, 2003. Título original: La formación del lector literário

DAHRENDORF, Malte. Ideologietransporte in der klassischen Kinderliteratur. In GORSCHENEK, Margareta e RUCKTÄSCHEL, Annamaria (org.). *Kinder-und Jugendliteratur*. München: Wilhelm Fink, 1979. pp. 20-48.

DARNTON, Robert. História da leitura. In BURKE, Peter (org.) *A escrita da história*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992a. Título original: New Perspectives on Historical Writing

\_\_\_\_\_. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina do século XVIII*. Tradução de Myriam Campello. São Paulo: Cia das Letras, 1992b. Título original: Édition et sédition: L'univers de la littérature clandestine au XVIIIe siècle

DELUMEAU, Jean. Alumbramento In: \_\_\_\_\_. *O que sobrou do paraíso?* Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 2003. Título original: Que reste-t-il du paradis?.

\_\_\_\_\_. História do medo no Ocidente. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1989. Título original: Le peur en Occident ( XIVE – XVIII siècles).

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. Título original: Mal d'Archives.

\_\_\_\_\_. *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2002. Título original: Des tours de Babel.

*DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA*. . 21 ed. Madrid: Real Academia Española, 1992.

*DICIONÁRIO DE ALEMÃO-PORTUGUÊS*. Porto: Porto Ed., 1989 [© ].

*DICTIONNAIRE DE THÉOLOGIE CATHOLIQUE*. Paris: Letouzel et Ané, 1924.

DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo : Cia das Letras, 1989. Título original: Mâle Moyen Âge.

DUBY, Georges. Poder privado, poder público. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *História da vida privada*, 2: da Europa feudal à Renascença. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1990. Título original: *Histoire de la vie privée*, vol 2: De l'Europe feodale à la Renaissance.

DUDEN – *Deutsches Universal Wörterbuch*. 2 ed. Manheim; Leipzig; Wien; Zürich: Dudenverlag, 1989.

DUFOUR, Dany-Robert. Trindade e binariedade. In: \_\_\_\_\_. *Os mistérios da Trindade*. Tradução de Dulce Duques Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. p. 13-65. Título original: Les mystères de la trinité.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. Título original: *Essais sur l'individualisme. Une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne*

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Título original: *Women Who Run With The Wolves*.

FERTIG, Ludwig. *Bildungsgang und Lebensplan : Briefe über Erziehung von 1750 bis 1900*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1991.

FONTENELLE, Bernard de. De l'origine des fables. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres complètes*. Genève: Slatkine, 1968. 3 v. V. 2. pp. 389-398

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. Título original: *Les mots et les choses*.

\_\_\_\_\_. *História da loucura na Idade Clássica*. 7ª ed. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo; Perspectiva, 2004. Título original: *Histoire de la folie à l'Âge Classique*

FRANÇA, Jamari. 'Os irmãos Grimm' é uma agitada fantasia 'dark' de Terry Gilliam com Matt Damon e Lena Headey., Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/online/cultural>> Acesso em: 19.out. 2005.

FRANCO JR, Hilário. *Cocanha*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia.. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIV, Tradução sob dir. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro : Imago, 1996c. pp. 245-263. Título original: The standart edition of the complete psychological works of Sigmund Freud.

\_\_\_\_\_. O estranho. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVII. Tradução sob dir. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro : Imago, 1996d. p. 235-273. Título original: The standart edition of the complete psychological works of Sigmund Freud.

\_\_\_\_\_. O futuro de uma ilusão. In : *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXI, Tradução sob dir. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. pp. 13-63. Título original: The standart edition of the complete psychological works of Sigmund Freud.

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXI, Tradução sob dir. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. pp. 67-148. Título original: The standart edition of the complete psychological works of Sigmund Freud.

GÉLIS, Jacques. “A individualização da criança”. In: CHARTIER, Roger (org.) *História da vida privada*, 3: da Renascença ao Século das Luzes. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991. pp. 311- 329. Título original: Histoire de la vie privée, 3: De la Renaissance aux Lumières

BIBLIA, A.T. Gênesis. *No princípio*. Tradução [para o francês] e comentários de André Chouraqui; tradução para o português de Carlito Azevedo. Rio de Janeiro: Imago, 1995 . GEN. 11 : 1-9. Título original: La Bible – Entête (La Genèse).

GINSCHERL, Gunhild. Der Märchenstil Jacobs Grimm. *Deutsches Jahrbuch für Volkskunde*, V. 9, n. 1, p. 131-168, 1963.

GÖRRES, Joseph. Die teuschen Volksbücher. Einleitung. In SCHMITT, Hans-Jürgen (ed.). *Die deutsche Literatur, Romantik I*. Stuttgart : Philipp Reclam. 1978. p. 117-133.

GRÄTZ, Manfred. *Das Märchen in der deutschen Aufklärung*. Stuttgart: Artemis, s.d.

GRIMM, Jacob. *Chapeuzinho Vermelho e outros contos de Grimm*. Seleção e tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. *Cinderela e outros contos de Grimm*. Seleção e tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

\_\_\_\_\_. *Deutsche Sagen herausgegeben von den Brüdern Grimm*. Frankfurt a. Main: Insel, 1981..

\_\_\_\_\_. Eddaübersetzungen. In *Kleinere Schriften, 4: Rezensionen und vermischte Aufsätze*, 1 Teil. Hildesheim: Georg Olms, 1991. p.143-144.

\_\_\_\_\_. Gedanken, wie sich die Sagen zur Poesie und Geschichte verhalten. In: SCHMITT, Hans-Jürgen (ed.). *Die deutsche Literatur, Romantik I*. Stuttgart : Philipp Reclam. 1978. p. 144-148.

\_\_\_\_\_. ; GRIMM, Wilhelm. *Contos de Grimm*. Tradução de David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

\_\_\_\_\_. *Contos de Grimm*. 2 v. Tradução de Zaida Maldonado. Porto Alegre : L&PM, 2002. Título original: Grimm's Fairy Tales.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Preface to *Kinder-und Hausmärchen gesammelt durch die Brüder Grimm (1819)*, in: *Medievalism and modernist temper*, 1995, p.475-492.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Tradução de Flávio Kohte. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. Título original: Strukturwandel der Öffentlichkeit.

HAUSER, Arnold. *Historia social de la literatura y del arte*, 2. 23 ed. Tradução de A. Tovar e F.P. Varas-Reyes. Barcelona: Labor, 1994. Título original: The Social History of Art

HEROLD, Theo; WITTENBERG, Hildegard. *Aufklärung, Sturm und Drang*. Stuttgart : Klett, 1983.

HETMANN, Frederik. *Traumgesicht und Zauberspür*. Frankfurt a. Main: Fischer, 1982.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUNT, Lynn. Revolução francesa e vida privada. In: PERROT, Michelle et. al. (org.). (org.) *História da vida privada*, 4 : da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffily.. São Paulo: Cia das Letras, 1991. pp. 21-52. Título original: *Histoire de la vie privée*, vol. 4: De la Révolution à la Grande Guerre.

IRMÃOS GRIMM. *Contos de fadas*. 2ª ed. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2001.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Uduerj, 1996. Título original: *Das Fiktive und das Imaginäre*.

JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. In: \_\_\_\_\_ . *Lingüística e comunicação*. 20ª ed. Tradução de Izidoro Blickstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 63-72.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: \_\_\_\_\_ . *Lingüística e comunicação*. 20ª ed. Tradução de Izidoro Blickstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 34-62

KAISER, Gerhard. *Aufklärung, Empfindsamkeit, Sturm und Drang*. 4ª ed. Tübingen: Francke, 1991.

KHÉDE, Sônia Salomão. As polêmicas sobre o gênero. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 09-18



KLIBANSKY, R.; PANOFSKY, E.; SAXL, F. *Saturne et la mélancolie*. [Paris]: Gallimard, [s.d.].

KLOTZ, Volker. *Das europäische Kunstmärchen*. 3 ed. München: Fink, 2002.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. 16ª ed. Tradução de Paulo Fróes.. Rio de Janeiro; Rosa dos Tempos, 2002. Título original: *Malleus maleficarum*.

KREMER, Detlef. *Romantik*. Stuttgart; Weimar: Metzler, 2001.

KRISTEVA, Julia. *Sol negro: depressão e melancolia*. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. Título original: *Soleil noir: dépression et mélancolie*

LACLOS, Pierre Choderlos de. *Les liaisons dangereuses*. [s.l.] ; Pocket, 1989.

LACOUÉ-LABARTHE; NANCY, Jean-Luc. *L'Absolu littéraire*. Paris: Seuil, 1978.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LAJOLO, Marisa. Projeto memória de leitura: pressupostos e itinerários. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999. pp. 79-100.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. 2 ed. Barcelona : Laertes, 1996.

LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. [Lisboa]: Estampa, 1994.

LEFFZ, Joseph. Vorwort. In BRÜDER GRIMM. *Märchen der Brüder Grimm*. Urfassung nach der Originalhandschrift der Abtei Ölenberg im Elsass. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1927. p. 07-29.

LIMA, Luiz Costa . *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

\_\_\_\_\_ . *O fingidor e o censor*. Rio de Janeiro: Forense, 1988.

\_\_\_\_\_ . *O controle do imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_ . *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LLOPIS, Joan. *Diccionario de espiritualidad*. 2ª ed. Tradução do *Dizzionario enciclopedico di spiritualità*. Barcelona : Herder, 1987. 2 v.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

LÜTHI, Max. *Das europäische Volksmärchen*. 9 ed. Tübingen: Francke, 1992.

\_\_\_\_\_. *Märchen*. 9 ed. Stuttgart: Metzler, 1996.

MARIN, Louis. Ler um quadro: uma carta de Poussin em 1639. In: CHARTIER, Roger. (org.). *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação liberdade, 1996. p. 117-140. Título original: Pratiques de la lecture

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. Título original: De los medios a las mediaciones. Comunicación, cultura e hegemonia.

MARTINS, Marcia A. P. *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

MERKEL, Johannes. Wirklichkeit verändernde Phantasie oder Kompensation durch phantastische Wirklichkeiten ? Zur Rolle der Phantasie in der Kinder – und Jugendliteratur. In RICHTER, Dieter e Vogt, Jochen (org.). *Die heimlichen Erzieher*. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 1974. pp. 64-90.

MERQUIOR, José Guilherme. Os estilos históricos na literatura ocidental. In: PORTELLA, Eduardo. *Teoria Literária*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

MIRANDA, Wander Melo. A coleção Archivos e a memória cultural da América Latina. In: CUNHA, Eneida Leal. (org.). *Literatura comparada: ensaios*. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 41-47

MOSER, Hugo. Sage und Märchen in der deutschen Romantik. In: Vários autores. *Die deutsche Romantik: Poetik, Formen und Motive*. 4 ed. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1989.

NADINE, Decourt. Le conte magherebin dans tous ses etats ou les enjeux et la variation en situation pluriculturelle. In *Littérature Orale Arabo-Bérbere*, 1988-89, p. 237-258.

NADINE, Decourt. “A travers les contes de Grimm: invitation au Voyage, In: *Europe* , p. 73-81, 1996

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. 2ª ed. São Paulo : EDUSP, 2000.

OLINTO, Heidrum Krieger. Rituais estratégicos na arte de traduzir. In: MARTINS, Márcia A. P. . *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro : Lucerna, 1999. pp. 105-135.

\_\_\_\_\_. “Pequenas dúvidas acerca da cultura contemporânea” In: Semear. Disponível em: [http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/revista/4Sem\\_04.html](http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/revista/4Sem_04.html). Acesso em: 08. set. 2005.

OLIVEIRA, Rui. *Chapeuzinho Vermelho, e outros contos por imagem*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: São Paulo, 1998. Título original: Orality & literacy

PANZER, Friedrich. Zum Geleit. In: BRÜDER GRIMM. *Kinder- und Hausmärchen*. Wiesbaden: Berlin: Vollmer, [1962©].

PARKES, Malcom. Práticas monásticas na Alta Idade Média. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. *História da leitura no mundo ocidental*. 2 v. V. 1. Tradução de Fulvia M. L. Moretto e outros. Rio de Janeiro: Ática, 1998. p 103-122. Título original: Histoire de la lecture dans le monde occidental.

PAZ, Octavio. *El signo y el garabato*. Barcelona: Seix Barral, 1991

PAZ, Octavio. *Los hijos del limo*. Barcelona: Seix Barral, 1987.

PAZ, Octavio. Os signos em rotação. In: \_\_\_\_\_ . *Signos em rotação*. 3ª ed. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo Perspectiva, 1996.

PEREIRA, Mario Eduardo Costa. Melancolia e subjetivação em Aurélia, de Gérard de Nerval. In: BARTUCCI, Giovanna. (org.). *Psicanálise, Literatura e Estéticas de Subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 223-247.

PERES, Urânia Tourinho. *Depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PERRAULT, Charles. *Contes*. Paris: Librairie Générale Française, 1990 [c.].

PERROT, Michelle. “Os atores” In: \_\_\_\_\_ et ali. (org.) *História da vida privada*, 4 : da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo : Cia das Letras, 1991. pp. 89-303. Título original: *Histoire de la vie privée*, vol. 4 : De la Révolution à la Grande Guerre.

PESSOTTI, Elias. *A loucura e as épocas*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

PETER, Klaus. Romantik. In : BAHR, Ehrhard. (org.) *Geschichte der deutschen Literatur*, 2, Von der Aufklärung bis zum Vormärz. Tübingen : Francke, 1987. pp. 327-409.

PORDEUS Jr., Ismael. O mundo de Antônio Conselheiro em Quixeramobim. In: *Revista Conviver*, n. 3, p. 85-89, Jun/Set., 2004.

PROPP, Vladimir. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio e Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Título original: Istoricheskie Kornj Volshebnoi Skazki.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

RABELO, Gabriela. *História pelo avesso e outras histórias*. São Paulo: FTD, 1999.

RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: ARIÉS, Philippe e CHARTIER, Roger. (org.). *História da Vida Privada*, 3: da Renascença ao Século das Luzes. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991. pp. 211-266. Título original: Histoire de la vie privée, 3: De la Renaissance aux Lumières

RICHTER, Dieter. Wie Kinder Schlachten miteinander gespielt haben. In: *Fabula*, n. 27, pp. 01-11, 1986

RÖLLEKE, Heinz (ed.) *Die älteste Märchensammlung der Brüder Grimm*. Cologny-Genève: Fondation Martin Bodmer, 1975.

\_\_\_\_\_. *Die Märchen der Brüder Grimm*. München: Artemis, 1985a.

\_\_\_\_\_. *Wo das Wünschen noch geholfen hat*. Bonn: Bouvier, 1985b.

\_\_\_\_\_. Nachwort. In: BRÜDER GRIMM. *Kinder- und Hausmärchen*. Stuttgart: Philipp Reclam, 1982. (Ausgabe letzter Hand mit den Originalanmerkungen der Brüder Grimm). 3 v. V. 3. p. 590-617.

ROSA, João Guimarães. Fita verde no cabelo. In: \_\_\_\_\_ . *Ave, Palavra*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

ROTHIER, Marília. Reciclando o lixo literário. In: *Palavra*, n. 7, p. 68-75, 2001.

\_\_\_\_\_. Biografia e valor literário. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 6, p. 185-201, 2002.

ROUCHE, Michel. Alta Idade Média ocidental. In: ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges. (org.). *História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil*. Tradução de Hildegard Feist. São Paul : Cia das Letras, 1990. p. 399-529. Título original: Histoire de la vie privée, 1.

SANT'ANA, Afonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Roberto Corrêa de. *Matéria e crítica*. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. *Les mots*. Paris: Gallimard, 1964 [©].

SCHMITT, Hanno. Politische Reaktionen auf die Französische Revolution in der philanthropischen Erziehungsbewegung in Deutschland. In: HERRMANN, Ulrich e OELKERS, Jürgen (or.). *Französische Revolution und Pädagogik der Moderne*. Weinheim und Basel: Beltz, 1989. pp. 163-184

SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras*. Tradução de Luiz Fernando P.N. Nascimento. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. Título original: *Voleurs de mots*.

SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. Tradução de Ana Maria Capovilla e Albino Poli Jr. São Paulo L&PM, 1986. Título original: *Under The Sign of Saturn*

SPIEGELMAN, Art; MOULY, Françoise. *Little Lit: fábulas e contos de fadas em quadrinhos*. Tradução de Antônio Macedo Soares. São Paulo: Cia das Letras, 2003. Título original: *Little Lit. Folklore & Tale Funnies*.

STEINER, George. *Después de Babel*. 3 ed. Tradução de Adolfo Castañon e Aurelio Major. México: Fondo de cultura económica, 2001. Título original: *After Babel*.

TOCHTROP, Leonardo. *Dicionário Alemão-Português*. 8ª ed. São Paulo: Globo, 1989.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975. Título original: *Introduction à la littérature fantastique*.

VAN TIEGHEM, Paul. Crítica literaria, história literaria, literatura comparada. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 89-96

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. Tradução de Carolina Alfaro. In: *Palavra*, v. 1, n. 1, p. 111-131, 1994. Título original: *The translator's invisibility*.

VILLAUME, Peter. Faulheit. In: EWERS, Hans-Heino (ed.). *Kinder- und Jugendliteratur der Aufklärung: eine Textsammlung*. Stuttgart: Philipp Reclam, 1990.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1990. Título original: *The rise of the novel*.

WEHLER, Hans-Ulrich. *Deutsche Gesellschaftsgeschichte*, 2. München: Beck, 1987.

WELLECK, René. O nome e a natureza da literatura comparada. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 120-148.

WITTMANN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII? In: CHARTIER, Roger; CAVALLLO, Guglielmo. *História da leitura no mundo ocidental*. 2 v. V. 2. Tradução de Claudia Cavalcanti e outros. Rio de Janeiro : Ática, 1999. pp. 135-163. Título original: *de Histoire de la lecture dans le monde occidental*.

YUNES, Eliana. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo. In: *Palavra*, n. 7, p.76-106, 2001.

\_\_\_\_\_. Um nome para o pecado. In: \_\_\_\_\_ ; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (orgs).*Pecados*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2001b. p. 07-13

\_\_\_\_\_. Onde está o outro. In: *Leituras compartilhadas*, n. 4, agosto, p. 04-07, 2002a.

\_\_\_\_\_ (org.). *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002b

\_\_\_\_\_. Poiesis. In: CARVALHO, Edgard de Assis; MENDONÇA, Terezinha (Orgs.). *Ensaios de Complexidade*, 2. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 276-283

ZILBERMANN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11 ed (revista e ampliada). São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_\_. *A literatura infantil na escola*. 5 ed. São Paulo : Global, 1985.

\_\_\_\_\_, MAGALHÃES, Ligia Cademartori. *Literatura infantil : autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Tradução de Amália Pinheiro de *La lettre et la voix*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

## Obras dos autores e traduções consultadas

BRÜDER GRIMM . *Kinder-und Hausmärchen*. Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1996. (Vergrößerter Nachdruck der zweibändigen Erstausgabe von 1812 und 1815 nach dem Handexemplar des Brüder Grimm-Museum Kassel mit sämtlichen handschriftlichen Korrekturen und Nachträgen der Brüder Grimm)

\_\_\_\_\_. *Briefwechsel der Brüder Grimm*, Vol. 1-1. Kritische Ausgabe in Einzelbände. Stuttgart: Hirzel, 2001.

\_\_\_\_\_. *Kinder- und Hausmärchen*. Stuttgart: Philipp Reclam, 1982. 3 V. (Ausgabe letzter Hand mit den Originalanmerkungen der Brüder Grimm).

\_\_\_\_\_. *Märchen der Brüder Grimm*. Urfassung nach der Originalhandschrift der Abtei Ölenberg im Elsass. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1927.

\_\_\_\_\_. *Kinder –und Volksmärchen*. 2ª Eschborn bei Frankfurt a. Main: Klotz, 1999.

\_\_\_\_\_. *Contos de Grimm*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2000. Título original: Contes de Grimm

GRIMM, Jacob. *Chapeuzinho Vermelho e outros contos de Grimm*. Seleção e tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. *Cinderela e outros contos de Grimm*. Seleção e tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

\_\_\_\_\_. *Contos de Grimm*. 2 v. Tradução de Zaida Maldonado. Porto Alegre: L&PM, 2002. Título original: Grimm's Fairy Tales.

\_\_\_\_\_. GRIMM, Wilhelm. *Contos de Grimm*. Tradução de David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

\_\_\_\_\_. Eddaübersetzungen. In *Kleinere Schriften, 4: Rezensionen und vermischte Aufsätze*, 1 Teil. Hildesheim : Georg Olms, 1991. p.143-144.

\_\_\_\_\_. Gedanken, wie sich die Sagen zur Poesie und Geschichte verhalten. In: SCHMITT, Hans-Jürgen (ed.). *Die deutsche Literatur, Romantik I*. Stuttgart: Philipp Reclam. 1978. p. 144-148.

IRMÃOS GRIMM. *Contos de fadas*. 2ª ed. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2001.

RÖLLEKE, Heinz (ed.) *Die älteste Märchensammlung der Brüder Grimm*. Cologny-Genève: Fondation Martin Bodmer, 1975.

### 3

#### Dicionários consultados

*DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA*. . 21 ed. Madrid: Real Academia Española, 1992.

*DICIONÁRIO DE ALEMÃO-PORTUGUÊS*. Porto: Porto Ed., 1989 [© ].

*DICTIONNAIRE DE THÉOLOGIE CATHOLIQUE*. Paris: Letouzel et Ané, 1924.

*DUDEN – Deutsches Universal Wörterbuch*. 2 ed. Mannheim;Leipzig;Wien;Zürich: Dudenverlag, 1989.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

TOCHTROP, Leonardo. *Dicionário Alemão-Português*. 8ª ed. São Paulo: Globo, 1989.



## **Parte IV**

## **Anexos**

## Um breve preâmbulo

Em uma tese sobre um acervo, cuja elaboração é descrita a partir do par conceitual leitura e tradução, deveria ser ocioso comentar a própria tradução de quem ao longo das páginas dissertou sobre o assunto. E, no entanto, isso será necessário, não tanto para explicitar minha compreensão do texto de partida, mas certas eleições que fui fazendo no trajeto desta leitura.

A primeira delas, e a ela já me referi anteriormente, diz respeito à própria tarefa de verter para o português os textos a que me reportava. Efetivamente, ao iniciar a pesquisa e convencer-me de que o empreendimento de Wilhelm e Jacob Grimm devia ser situado no âmbito descrito, não pensei de antemão em traduzir as narrativas. Contudo, logo me dei conta de que, se lidava com um material inédito para o leitor brasileiro – a exemplo dos contos “Die drei Raben” (“Os três corvos”), “Das stumme Mädchen” (“A menina muda”), “Marienkind” (“A filha de Maria”), “Die sechs Schwäne” (Os seis cisnes) – a tradução apenas dos trechos citados daria uma visão extremamente mutilada do que havia lido. Certamente, objeção previsível, a minha tradução não reproduz o que tradicionalmente se concebe como o original. Constitui ela também uma leitura, exposta, ademais, ao longo das páginas precedentes. Nelas, procurei salientar um penoso processo efetivado ao longo das edições que culminam numa escrita que assume sua singularidade, particularmente na edição de 1857, e sob a pena de Wilhelm Grimm. A inferência daí retirada, vale dizer, tradução e leitura delineiam-se como movimento, naturalmente espraiou-se pra minha própria experiência no embate, igualmente penoso, com as palavras – ritmo, som, pausas, silêncio, censuras e também, acréscimos, dos textos que guiavam meus passos. Não podia, é certo, furtar-me de traduzir os filtros e/ou enxertos somados nesse processo de leitura que, a crer nas datas, estendeu-se de 1810 a 1857. Mas também, e principalmente, pareceu-me bem mais importante, permitir que se entreviesse o movimento de uma escrita em gestação. Minha intenção, portanto, ao vertê-las para o português, foi, dentro das possibilidades e também diante das dificuldades impostas pela minha

língua (o silêncio e a fala que me concedeu), sugerir o estatuto não-acabado dessas narrativas.

Espero poder ter evidenciado esse processo, sobretudo nas diferenças que procurei fazer ressaltar entre o manuscrito de Öllenberg, a edição de 1812, e a de 1857. Se a forma testemunhada nos primeiros parece menos burilada, encenando no pudor de quem as transcreve, certo receio de imiscuir a presença de um estilo próprio no texto original, as últimas publicações deflagram a desenvoltura de uma escrita que paulatinamente foi adquirindo o domínio da pena. Quiçá, as próximas páginas permitam entrever também as fendas desta história.

## Vorrede Der Brüder Grimm (Prefácio à edição de 1812)

### Prefácio à edição de 1812

Nós acreditamos, quando, através de uma tempestade ou outra infelicidade enviada pelos céus, toda uma safra é abatida, por pequenas cercas-vivas ou ramalhetes que estejam em seu caminho, um pequeno lugar se protege, e restarão ainda eretas algumas espigas. Brilhe então novamente o sol a seu favor, logo continuarão a crescer solitárias e despercebidas; e se nenhuma foice as cortar para a grande despensa, estarão maduras e grandes quando virão as pobres, devotas mãos, que então as procurarão. Espiga por espiga serão reunidas, cuidadosamente amarradas e, em grandes feixes, trazidas para casa, pois serão para todo o inverno o alimento, por ventura as únicas sementes para o futuro. E assim foi quando percebemos que daquela riqueza da antiga poesia alemã nada mais se conservara, mesmo a recordação se perdera, e que somente restaram as canções populares e estas ingênuas narrativas. Os lugares junto ao forno, ao fogão de lenha, o vestíbulo sob a escada, os dias festivos, as várzeas e bosques em seu silêncio, mas sobretudo a transparente fantasia, foram as cercas-vivas que as protegeram e asseguraram sua transmissão através dos tempos. Nós pensamos assim agora, depois que contemplamos esta coletânea; mas antes também nós acreditávamos que muito havia se perdido, que apenas restavam solitários aqueles Märchen dos quais nos lembrávamos, narrados por outros, com desvios, como usualmente ocorre. Mas atentos a tudo o que ainda realmente sobrevive da Poesia, quisemos conhecer também outras variantes, e assim nos foram chegando novas narrativas. Apesar da falta de condições de investigar mais adiante, nossa coletânea foi crescendo de ano a ano, até que ela, passados seis anos, pareceu-nos suficientemente rica. Compreendemos então que embora pudessem nos faltar algumas narrativas, já possuíamos a maioria, e o melhor delas. Com poucas e raras exceções, elas provém quase todas de Hessen e da região do Main e Kinzig no condado de Hanau, de onde somos, e, sendo coletadas da oralidade, cada uma

delas está presa a nós por uma agradável lembrança. Poucos livros surgiram com tamanho prazer, e mais uma vez é com alegria que aqui agradecemos a todos aqueles que nele participaram.

Era chegado talvez o momento de fixar estas narrativas, já que os poucos que ainda podem conservá-las tornam-se cada vez mais raros, pois mesmo os costumes rareiam, assim como, nas casas e jardins, os secretos lugares cedem espaço a um esplendor vazio – esplendor que se assemelha aos aristocráticos sorrisos com que a eles nos referimos e que, entretanto, custam tão pouco. Onde o Märchen está, lá ele vive, sem que se perguntem se é bom ou se é ruim, se poético ou insípido. Conhecem-no e o amam, porque assim o receberam e com isso se alegram, sem buscarem as razões para tanto. Tão magnífica é a tradição A Poesia compartilha de fato com tudo aquilo que perdura, a inclinação que se tem por elas, ainda que contra a vontade. Pode-se, aliás, facilmente, notar que a Poesia só pode ser apreendida lá, onde subsiste uma viva receptividade para ela, e onde a fantasia não desapareceu, face às transformações da vida. Não desejamos erguer um panteão ao Märchen, ou mesmo resguardá-los de opiniões contrárias: para defendê-lo lhe basta sua singela existência. O que possui tamanha variedade e renovadamente nos alegra, move e instrui, comporta sua própria exigência, e certamente provém daquela fonte que abençoa a vida. Pois ainda, que seja uma única gota de orvalho que caia sobre uma pétala, na primeira aurora ela resplandecerá.

No interior dessas Poesias ocorre a mesma pureza, que nos faz as crianças parecerem tão maravilhosas e anímicas. Elas possuem a mesma transparência, cristalina e azulada dos olhos, que não podem mais crescer, enquanto que os outros membros, ainda frágeis, são inábeis para o serviço da Terra. Simples assim são a maioria das situações, que muitos encontram na vida, mas, por verossímeis, sempre e renovadamente comovem. Pais que não têm mais o pão e precisam expulsar seus filhos, devido sua desgraça, ou é uma dura madrasta que os faz sofrer, e deseja o seu fim. Em seguida, são os irmãos abandonados na solidão do bosque, o vento os apavora, medo diante dos animais selvagens, e, no entanto, permanecem juntos com toda sua lealdade. O irmãozinho sabe o caminho para a casa, ou a irmãzinha, quando o feitiço o encanta, guia-o como corço pela coleira e procura para ele ervas e musgo para sua cama, ou senta-se silenciosa e costura uma camisa de miosótis, que irá aniquilar o feitiço. Todas as esferas do mundo

estão aí encerradas: reis, princesas, leais serviçais e honrados artesãos, pescadores, moleiros, carvoeiros e pastores. Aqueles que permaneceram mais próximos da natureza aparecem aí; outros lhes são estranhos e desconhecidos. Como nos mitos, que falam da Época de Ouro, toda a natureza é vivificada: sol, lua e estrelas são atingíveis, presenteiam ou se deixam tecer em roupas, nas montanhas trabalham os anões em busca do metal, nas águas dormem as Nix, os pássaros (pombas são as mais amadas e generosas), plantas, pedras, falam e sabem manifestar sua solidariedade, até mesmo o sangue fala e chama, e assim clama esta poesia sua legitimidade, ao passo que outras, tardias, apenas ambicionam se acercarem a elas. Esta inocente confiança de grandes e pequenos expressa um indescritível enamoramento, pois amamos mais a conversa das estrelas com uma pobre criança abandonada na floresta, do que a música celestial. Tudo que é belo, é dourado e coberto de pérolas, até mesmo homens de ouro vivem aqui. A infelicidade, a força sinistra, os gigantes, cruéis ogres, são derrotados, pois uma boa mulher, que sabe espantar a desgraça, vem em seu auxílio, e esta épica encerra sempre ao se abrir uma infinita felicidade. Tampouco a crueldade é pequena e próxima, a que teria alguém se habituado, mas algo terrível, negro e severamente punido, a qual então ninguém deve se aproximar. Assustadoras são também assim as condenações: cobras e venenosas serpentes consomem suas vítimas, ou elas precisam dançar sobre o sapato em brasa até sua morte. Muitos contos carregam consigo seu próprio significado: como a mãe que recebe nos braços seu verdadeiro filho no momento em que consegue fazer rir a falsa criança, que a assombração do lar lhe dera em lugar do filho. Também só com o riso tem início a vida das crianças que subsistirão na alegria, enquanto os anjos conversarem, no sono, com elas. Do mesmo modo que os minutos nos resguardam e todo dia nos despojam de toda a hipocrisia da vida, e podemos olhar a partir e para além de si, devido aquele quarto de hora que permanecemos sob o domínio da magia – quando então surge liberta a fisionomia humana, como se nenhuma violência pudesse nos envolver. Por outro lado, a magia nunca é completamente dissolvida e uma asa de cisne permanece no lugar do braço, e porque uma lágrima caiu, um olho com ela se perdeu, ou então a esperteza do mundo é humilhada e o parvo – por todos ridicularizado, mas de coração puro, – ganha só ele a felicidade. Dessas características provém a utilidade dessas narrativas para o presente – se é que se pode tirar tão facilmente delas uma boa lição. Essa não fora, entretanto, sua

intenção, e nem para isso foram inventadas, mas assim cresceram, como uma saudável florescência da qual, mesmo sem a mão do homem, resulta um bom fruto. Preserva-se aí a verdadeira Poesia, que jamais pode deixar de ter relação com a vida, pois da vida partiu e a ela retorna, como retornam as nuvens às suas cidades de origem depois de irrigarem a terra.

Assim nos parece a essência dessas poesias. Em sua natureza exterior se assemelham àquilo que é popular ou próprio das sagas: fixadas em lugar nenhum, sempre em toda parte, em quase toda boca, metamorfoseando-se, permanecem fiéis sempre ao mesmo solo. Nisso diferenciam-se certamente das sagas regionais, presas aos locais ou heróis da história, as quais – como muitos o fizeram –, não registramos por ora, mas pensamos fazê-lo em outra ocasião. Já algumas vezes relatamos as manifestações de uma ou outra saga, devido à singularidade de seus desvios; as menos importantes, mas coletadas com a maior exatidão porém que nos foi possível, comunicamos no suplemento. É certo também que o Märchen renova-se ao longo do tempo, e portanto sua raiz precisa ser muito antiga – algumas têm quase 300 anos de idade – comprovam-no o lastro em Fischart e Rollenhagen, registrado no local –, mas fora de dúvida são ainda bem mais antigas, conquanto a carência de informações impossibilite a prova. Apenas uma, mas segura, prova pode ser deduzida: a partir da relação do herói épico com a fábula de animais – mas como aqui não é o lugar para se referir a ela, também no suplemento foi dito algo a seu respeito.

Enxergamos no fato desta poesia estar tão próxima da vida primitiva, a mais simples, a razão de sua ampla disseminação, pois não há um único Povo que careça dela completamente. Mesmo os negros da África ocidental divertem suas crianças com narrativas, e dos gregos, Strabo já se manifestou claramente (no final, encontrar-se-ão os testemunhos, junto a outros, que comprovam, como aqueles, para quem é valorosa a voz que fala ao coração, muito valorizam o Märchen.). Da mesma forma, explica-se outra circunstância, extremamente curiosa – a saber, a grande proliferação destes Märchen alemães. Eles se igualam não apenas às sagas heróicas de Siegfried, Matador de Dragões, mas superam-nas, uma vez que nós as encontramos, e sempre as mesmas, por todos a Europa – de tal modo que nelas revela-se o parentesco dos mais nobres povos. Do norte

conhecemos somente o Kämpe-Viser dinamarquês <sup>1</sup> que abrangem muitos contos similares, embora sob a forma de canções, o que não convém muito às crianças porque precisam ser cantadas – mas tampouco aqui, como nas sagas mais sérias e históricas, é fácil traçar a fronteira, pois existem entre eles muitos pontos em comum. A Inglaterra possui a coleção Tabart, conquanto não tão rica. Mas que riqueza deve ainda existir no país de Gales, na Escócia, e na Irlanda. O primeiro deles – só no seu Mabinogion (recentemente impresso) – tem um verdadeiro tesouro. Outrossim, a Noruega, Suécia, Dinamarca permaneceram ricos, os países do sul, talvez menos. Da Espanha, sabemos nada; todavia, uma passagem de Cervantes não deixa dúvidas quanto a existência de contos, e que são narrados. A França certamente os tem, e agora muito mais do que quando Charles Perrault os narrou – aliás, só ele os tratou como contos para crianças (não os seus imitadores, a Aulnoy, a Murat). Ele deu a lume apenas nove; certamente dos mais conhecidos, são eles também os mais belos. Seu mérito consiste em não haver acrescentado nada; salvo, alguns detalhes, deixou as coisas como eram em si. Sua maneira de narrar só pode ser elogiada, pois foi tão simples quanto possível. Em realidade, a língua francesa, em si, não é indicada para narrar contos para a infância – aliás, às vezes, desnecessariamente ampliados –, pois nada lhe é mais difícil do que ser direta e singela. Em sua atual formação, esta língua é e serve aos empregos epigramáticos, e aos diálogos finamente floreados (basta ver, o diálogo entre Riquet à la houpe <sup>2</sup> e a princesa parva, bem como o final do Petit Poucet). Uma análise que precede uma edição, indica-o como se fora Perrault o primeiro a inventá-las e que antes dele (nascido em 1633, morto 1703) elas circulavam entre o Povo; a respeito do *Däumling* <sup>3</sup> chegou-se a afirmar uma intencional imitação de Homero, a qual pretendia tornar compreensível para as crianças a calamidade de Ulisses junto a Polifemo <sup>4</sup> - uma perspectiva melhor oferece Johanneau. Mais rica que todas são as antigas compilações italianas – inicialmente nos Noites de Straparola que contém algumas boas – mas sobretudo no Pentamerone de Basile, um livro escrito em dialeto napolitano, tão conhecido e amado lá, como o é desconhecido na Alemanha, embora excepcional sob qualquer ponto de vista. O

<sup>1</sup> Referência a um ciclo de sagas dinamarquesas.

<sup>2</sup> Lobato traduziu o primeiro dos contos como Riquet Topetudo, o segundo é tradicionalmente conhecido como o Pequeno Polegar.

<sup>3</sup> Pequeno Polegar, ou Petit Poucet.

<sup>4</sup> Possível referência ao gigante antropófago, filho de Posídon, que aprisionou Ulisses (*Odisséia*, canto IX)



conteúdo é praticamente sem lacunas, nem falsos acréscimos, o estilo transbordante de bons provérbios e diálogos. Traduzi-lo tão vivamente competiu a um Fischart e a seu tempo. Nós pensamos ilustrá-lo no segundo volume desta coletânea, onde deverá encontrar também seu lugar, tudo aquilo que se quer preservar das fontes estrangeiras.

Nós nos esforçamos por apreender, tanto quanto foi possível, estes Märchen em toda sua pureza. Encontrar-se-ão muitas narrativas interrompidas por versos e rimas, que chegam às vezes a apresentar claramente aliteraões – mas que, ao narradas, nunca devem ser cantadas – e estas são justamente as mais antigas e melhores. Nenhuma circunstância lhes foi acrescentada ou adornada, pois temeríamos somar algo às suas já tão ricas analogias e reminiscências: não há mais o que criar. Nesse sentido, não existe nenhuma coletânea similar na Alemanha, pois quase sempre os Märchen foram utilizados como matéria para fazer narrativas maiores que, independentemente de seu valor, foram arbitrariamente ampliadas, modificadas, e estes contos foram arrancados das mãos das crianças sem que lhes dessem nada em troca. Até mesmo aqueles que nelas pensaram não puderam impedir que maneirismos cedidos pela estética da época, neles se imiscuissem. Frequentemente faltou rigor às compilações e, algumas poucas narrativas, casual e esparsamente reunidas, foram logo publicadas. Se houvéssemos tido a possibilidade de narrar os Märchen num certo e determinado dialeto, não temos dúvida, que eles teriam em muito lucrado; aqui é daqueles casos em que a cultura, a fineza e a arte da língua tornam-se prejudiciais, e onde percebe-se que a língua escrita e apurada, por mais conveniente que seja em outras partes, mais clara e transparente, torna-se também menos saborosa, e não se prende mais firmemente ao caroço.

Nós entregamos este livro a mãos benevolentes pensando na força que abençoa e que nelas se encontra. E desejamos que ele permaneça desconhecido, para aqueles que não concedem aos pobres essas migalhas da poesia.

Traduzido de: Vorrede der Brüder Grimm. In: BRÜDER GRIMM. *Kinder –und Volksmärchen*. 2ª ed. Eschborn bei Frankfurt a. Main : Klotz, 1999. p. 55-62

### 3

#### **Die zwölf Brüder (KHM nº 9, ed. 1857)**

Era uma vez um rei e uma rainha, que viviam felizes um como outro, e que tinham doze filhos, mas eram todos meninos. Então o rei disse para sua mulher: “Se o décimo terceiro filho que você trazer ao mundo for uma menina, todos os outros devem morrer para que sua herança cresça e para que o reino pertença só a ela.” Ele também mandou fazer doze caixõezinhos, todos forrados de cetim por dentro – em cada um havia uma pequena almofadinha para o morto –, e mandou guardá-los todo num aposento. Daí, entregou a chave para a rainha, e a proibiu de comentar aquilo com quem quer que fosse.

Mas a mãe passou todo o dia sentada, triste e em luto, até que o filho mais novo, que sempre estava ao seu lado e que ela havia chamado, como na Bíblia, Benjamin, perguntou: “Minha mãe querida, por que você está assim tão triste?” Ah, meu filho preferido”, ela respondeu, “Eu não posso te dizer ....” Mas ele não deu sossego até que ela abrisse a porta e lhe mostrasse os doze caixõezinhos já revestidos e prontos. E explicou: “Meu querido Benjamin, estes caixões, seu pai aprontou para você e para seus onze irmãos, porque se eu tiver uma menina, vocês deverão morrer, e serão enterrados nestes caixões.” E enquanto falava, começou a chorar de uma tal maneira, que o filho então procurou consolá-la. “Não chora, não. Nós vamos dar um jeito... Vamos embora....” Então ela falou: “Vai com teus onze irmãos para o bosque, e um de vocês sobe até a árvore mais alta que houver, e fica de lá vigiando a torre daqui do castelo. Se eu der à luz a um filhinho, eu vou hastear uma bandeira branca, e daí vocês poderão voltar para casa; mas se eu der a luz a uma filhinha, então vou hastear uma bandeira vermelha, e vocês tratem de fugir o mais rápido que puderem, e que Deus proteja vocês. Toda noite eu vou me levantar e rezar por vocês - quando fizer frio no inverno, para que não se resfriem e que haja sempre um fogo queimando perto de vocês, e quando estiver muito quente no verão, que vocês não sintam calor demais.”

Assim, ela benzeu seus filhos e eles saíram para o bosque. Um se revezava com o outro na vigília, subia no mais alto carvalho de lá espiava a torre. Quando

então se completaram onze dias, e chegou a vez de Benjamin na fila, ele viu que uma bandeira fora hasteada – mas não a branca; a outra, vermelha como sangue, anunciando que todos eles deviam morrer. Assim que os garotos a avistaram, ficaram todos furiosos e gritaram: “Por causa de uma menina, nós devemos morrer? Vamos jurar vingança: onde encontrarmos uma menina, sangue vai correr!” E então eles entraram juntos bem no meio do bosque, e lá dentro, onde ele era mais denso e escuro, encontraram uma pequena choupana encantada, que estava vazia. “Aqui nós vamos viver”, eles disseram. “E você Benjamin, você é o mais novo e o mais fraco, você vai ficar aqui, e cuidar da casa. Nós vamos sair, e buscar comida.” Assim, foram eles para o bosque, atiraram em coelhos, veados selvagens, passarinhos e pombas, e em tudo o que havia para se comer. Levavam para Benjamin preparar, que tinha que cozinhar para eles para que saciassem sua fome. Nesta casinha, eles viveram dez anos, e o tempo para eles ali não demorou muito a passar.

Enquanto isso, a filhinha que sua mãe – a rainha –, teve, cresceu; tornou-se boa de coração e bela de rosto, e tinha também uma estrela de ouro na fronte. Certa vez, quando havia um grande rol de roupas, ela viu entre elas doze camisas de homens. “Para quem são essas camisas?”, perguntou “Para o meu pai, elas são muito pequenas.” Então a mãe respondeu, consternada: “Minha filha querida, elas pertencem a teus doze irmãos.” “Onde estão então meus doze irmãos? Eu nunca ouvi falar deles.....” “Sabe Deus, por onde andarão....Devem estar vagando pelo mundo.....” Então, ela pegou a menina pela mão, abriu o quarto, e mostrou a ela os doze caixõezinhos com as doze almofadinhas “Estes caixões”, disse, “foram feitos pra os teus irmãos, mas eles foram embora, antes que você nascesse”, e contou a ela, como tudo havia se passado. “Minha mãe”, ela disse, então, “não chora, que eu vou procurar pelos meus irmãos.”

A menina então pegou as doze blusas, saiu de casa, e entrou floresta adentro. Caminhou um dia inteiro, e à noite chegou a uma casinha encantada. Entrou ali, e lá encontrou um jovem rapaz, que lhe perguntou: “De onde você vem, o que você quer?”, e ele estava espantado de que fosse tão bonita, de que tivesse sobre a fronte uma estrela brilhante, e que trajasse roupas tão magníficas. “Eu sou a filha de um rei, e estou procurando meus doze irmãos, e enquanto o céu for azul, eu vou procurar até conseguir encontrá-los.” Ela também mostrou as doze camisas, que lhes pertenciam. Então Benjamin viu que ela era sua irmã, e

disse: “Eu sou o Benjamin, teu irmão caçula.” E logo ela começou a chorar de alegria, e Benjamin também, e eles se beijaram, e se abraçaram amorosamente. “Mas irmã” disse ele em seguida, “tem um porém: nós combinamos matar toda menina que encontrássemos pela frente, pois por sua causa tivemos que deixar nossas terras.” Ela então respondeu : “Eu morro com prazer, se com isso eu puder desencantar meus doze irmãos.” “Não”, ele contestou “você não precisa morrer; agache-se aqui sob esta tina, até que os onze irmãos cheguem, e eu então vou dar um jeito de fazermos um acordo”. Assim ela fez, e quando a noite chegou e eles voltaram da caça, o jantar já estava pronto. E depois de se sentarem à mesa, e enquanto comiam, perguntaram: “Então, Benjamin? Algo de novo?” “Vocês, não sabem de nada?”, ele foi perguntando“. “Não...”, responderam. “Pois vocês saem de casa, ficam no bosque, e eu que permaneço aqui em casa, sei mais do que vocês...” “Então conte logo para nós”, responderam todos juntos. “Prometam então para mim, que a primeira menina que encontrarmos, que ela não vai morrer.” “Certo”, gritaram todos juntos, “Ela terá a nossa piedade, mas conte, afinal, o que aconteceu?” “Nossa irmã está aqui!”, ele gritou, enquanto levantava a tina e debaixo dela aparecia a filha do rei, com seus trajes magníficos e a estrela dourada sobre a fonte, e estava tão linda assim, frágil e elegante. Então todos se alegraram, abraçaram-na e a beijaram, e passaram a querer a menina de todo o coração.

E a partir de então ela ficou cuidando da casa com Benjamin. Os onze iam para o bosque, caçavam animais selvagens, veados, pássaros e pombinhos, para que tivessem algo de comer, e a irmã e Benjamin cuidavam para que tudo fosse bem preparado. Ela procurava a lenha para cozinhar e também as ervas para preparar os legumes e punha a panela no fogo, de modo que a comida estivesse sempre pronta quando eles voltassem. Também mantinha a casa em ordem, fazia as camas bem direitinho, brancas e limpas, e os irmãos estavam contentes, e viviam unidos e felizes com ela.

Num certo dia, os dois prepararam uma boa refeição, e estavam todos reunidos, sentados à mesa, comendo e bebendo: todos muito alegres. Lá fora, atrás da casinha encantada, havia um pequeno jardimzinho, e nele cresciam doze lírios-brancos, também chamados flores-de-lis<sup>5</sup>. Ela então quis fazer um mimo aos

<sup>5</sup> No texto, “zwölf Lilienblumen, die man auch Studenten heist.” Optei por traduzir a o nome coloquial dado à flor, Studenten, por flor-de-lis, de modo a preservar tanto a sentença que atribui

irmãos: cortou as doze flores, pensando em levá-las, e presentear cada um deles com uma flor, depois da refeição. Mas assim que ela quebrou o caule das flores, naquele exato momento, os doze irmãos se transformaram em doze corvos e saíram voando pelo bosque, e também a casa e o jardim desapareceram. Então a menina se viu de repente sozinha naquela floresta selvagem, e ao olhar ao redor, viu uma velha mulher que estava a seu lado, que lhe repreendeu: “Minha filha, o que você fez? Por que você não deixou aí essas doze flores brancas ? Eram os seus irmãos, que de agora em diante e para sempre foram encantados em corvos.” “A menina chorando, perguntou: “Não há nenhum meio de desencantá-los ?” “Não”, respondeu a velha, “ não existe em todo o mundo maneira de desfazer o encanto, além de uma. Mas ela é tão difícil, porque você teria que se manter muda durante sete anos, não poderia falar e também não poderia rir durante todo esse tempo. E se você falasse uma só palavra antes de soarem os sete anos, então todo o trabalho estaria perdido, e seus irmãos seriam mortos por uma única palavra. A menina então decidiu em seu coração: “Eu sei que vou desencantar meus irmãos”, e caminhou pelo bosque até encontrar uma árvore alta. Sentou-se ali, tranqüila, sem falar, nem rir.

Aconteceu então que um dia, um rei saiu para caçar, e ele possuía um bom cão de caça, que começou a ladrar e a saltar justamente debaixo daquela árvore onde a menina estava sentada. Daí, veio o rei e viu a linda menina com a estrela dourada sobre a fronte, e ficou tão encantado com sua beleza, que a chamou, e perguntou se não queria se casar com ele. Ela não deu resposta, mas balançou um pouquinho com a cabeça. Daí ele mesmo subiu na árvore, tomou-a em seus braços, colocou-a sobre seu cavalo, e se dirigiu com ela para casa.

O casamento foi festejado com toda a pompa e alegria. Mas a noiva não falava e nem ria. Depois de algum tempo juntos, vivendo em paz e felizes, a mãe do rei – que era uma mulher má – começou a caluniar a jovem rainha, dizendo para o rei: “É uma menina má esta esmoleira que você trouxe para casa. Sabe-se lá que espécie de perversidades não estará secretamente tramando. Se é muda e não pode falar, pois poderia então ao menos rir. Mas quem não ri, é porque lhe pesa a consciência.” O rei, no início, não queria acreditar, mas a velha falou tanto,

---

uma segunda denominação, quanto a noção de flor identificada por sua cor alva, associada à candura (nome bot. *Lilium candidum*).

e culpou-a de tal maneira e de tantas coisas ruins, que o rei acabou se deixando enredar e permitiu que ela fosse condenada à morte.

Então foi acendida uma grande fogueira no pátio, onde ela ia ser queimada. E o rei ficou lá de cima, da janela, olhando com os olhos marejados de lágrimas, porque ainda a amava muito. E quando já estava amarrada ao mastro, e o fogo começou a crepitar e a queimar suas roupas com suas chamas vermelhas, passou-se o último minuto dos sete anos, e então ouviu-se um alarido no ar: os doze irmãos vieram todos voando, pousaram no solo, e assim que tocaram a terra, transformaram-se nos seus doze irmãos, que ela havia desencantado. Eles atravessaram o fogo, apagaram as chamas, libertaram sua irmã, e a beijaram e abraçaram-na carinhosamente. Como então ela podia finalmente abrir a boca e falar, contou ao rei porque ela permanecera muda e nunca rira. O rei se alegrou ao ouvir que ela era inocente, e desde então viveram juntos, felizes e unidos até morte. Mas a madrasta má foi condenada, colocada em um barril com óleo fervente e cobras venenosas, e morreu de uma morte ruim.

Traduzido de Die zwölf Brüder. In: Brüder Grimm. *Kinder-und Hausmärchen*. Stuttgart : Reclam. 3 v. V. 1. p. 371-77

## 4

### Die zwölf Brüder (*KHM 9*, ed. 1812)

Era uma vez um rei, que tinha doze filhos. Todos eram garotos, e como ele também não queria ter uma menina, ele disse para a rainha: “Se o décimo terceiro filho, que você trazer ao mundo, for uma menina, então vou mandar matar os outros doze, mas se for um menino, então todos eles devem viver e permanecer juntos.” A rainha tentou dissuadi-lo, mas o rei não queria ouvir mais nada: “Se é assim como eu disse, então eles vão ter que morrer; melhor eu corto a cabeça deles, a ter entre eles uma menina.”

Então, a rainha ficou triste, pois ela queria muito bem a seus filhos e não sabia como salvá-los. Por fim, ela foi ao caçula, de quem ela gostava mais, revelou a ele o que o rei tinha decidido, e disse: “Meu filho mais querido, vá para o bosque com teus onze irmãos, fica por lá, e não volta para casa. Mas um de vocês vigia, sempre do alto de uma árvore, a torre daqui; se eu trazer ao mundo um filhinho, vou hastear uma bandeira branca, mas se é uma menina, uma vermelha, e se vocês a virem, então salvem-se, fujam, e que Deus proteja a vocês. Toda noite, eu vou me levantar e rezar por vocês: quando fizer frio no inverno, que vocês não se resfriem e que haja sempre uma fogueira queimando perto de vocês; quando estiver muito quente, no verão, que vocês repousem num bosque fresco.”

Daí, ela benzeu seus filhos, e eles saíram para o bosque. Com frequência, olhavam em direção à torre, e um deles tinha que sentar no alto de um grande carvalho, e prestar atenção. Logo foi hasteada uma bandeira, mas não era a branca, era a bandeira rubra, que ameaçava sua destruição. Assim que os garotos a avistaram, ficaram todos furiosos, e gritaram: “Por causa de uma menina, nós devemos perder a vida?!” E então todos eles juraram permanecer juntos, no meio do bosque, e prestar atenção: se vissem uma moça, eles a matariam sem piedade.

Em seguida, procuraram uma caverna, onde o bosque era mais denso e escuro, e eles ficaram morando ali. Todas as manhãs, os onze saíam para a caça, mas um tinha que ficar, cozinhar, e cuidar da casa. Qualquer menina, que os onze encontravam, estava perdida: eles a matavam sem dó. Isso durou quatro anos.

Mas a irmãzinha foi crescendo em casa, e era a filha única. Um dia, teve um grande rol de roupas, entre elas estavam também doze camisas de homens. “Para quem são essas camisas”, perguntou a princesinha, “para o meu pai, elas são muito pequenas.” Então a lavadeira lhe contou, que ela teve doze irmãos, que saíram escondidos de casa – ninguém sabia para aonde – porque o rei queria mandar matar a todos, e a esses doze irmãos pertenciam aquelas doze camisas. A irmãzinha espantou-se que nunca tivesse chegado a seus ouvidos aquilo dos doze irmãos, e numa certa tarde estava sentada no campo, as roupas quarando, e lembrou-se das palavras da lavadeira, e então pôs-se a pensar, e, por fim, levantou-se, pegou as doze blusas e foi bosque adentro, aonde seus irmãos viviam.

A irmãzinha foi parar justamente naquela caverna, onde eles tinham feito sua morada. Os onze tinham saído para a caça, e apenas um ficara, aquele que tinha que cozinhar. Assim que viu a menina, pegou logo sua espada: “Ajoelhe-se, o teu sangue vermelho vai ser derramado agora!” Mas a menina implorou: “Senhor, me deixa viver, eu vou cozinhar e cuidar da casa.” Era justamente o irmão caçula, que apiedou-se diante da sua beleza, e lhe poupou a vida. Assim que os outros onze voltaram para casa, eles se espantaram de ver uma moça viva na caverna, mas aí ele disse para eles: “Querido irmãos, esta garota chegou até a caverna, e quando eu queria cortar-lhe a cabeça, ela implorou tanto por sua vida, disse que cuidaria da casa, que nos serviria, que eu então poupei a vida dela.” Os outros pensaram que isso poderia ser vantajoso para eles, que assim eles poderiam ir todos os doze para a caça, e ficaram contentes. Então ela lhes mostrou as doze blusinhas, e disse que ela era sua irmã: todos se alegraram que eles não a tivessem matado.

A irmãzinha passou a cuidar da casa, e quando os irmãos saíam para a caça, ela recolhia a lenha e ervas, fazia o fogo, arrumava as camas direitinho, bem brancas e limpas, em tudo era aplicada e dedicada. Uma vez aconteceu, ela estava pronta com tudo, e saiu pelo bosque para passear. Chegou até um lugar, onde havia doze altos, bonitos lírios brancos, e como ela gostou muito deles, arrancou-os todos juntos. Mal isso aconteceu, apareceu uma velha mulher diante dela: “Ah, minha filha”, disse ela, “Por que você não deixou estas doze flores aí, eram os teus doze irmãos, agora eles foram transformados em corvos e estão perdidos para sempre.” A irmãzinha começou a chorar: “Ai, me diz, não tem mesmo nenhum



jeito de desencantá-los?” “Não, não tem nada no mundo capaz de desencanta-los. Só tem um modo, mas é tão difícil, que você não vai poder libertá-los. Você vai ter que permanecer muda durante doze anos: se disser uma palavra, uma hora antes que seja, então tudo terá sido em vão e teus irmãos morrerão no mesmo instante.”

A irmãzinha sentou-se então no alto de uma árvore no bosque, estirou-se, e pensou ficar ali muda, sentada, doze anos, para salvar seus irmãos. Mas aconteceu que o rei, que estava caçando, cavalgou por aquele bosque, e quando ele passou bem debaixo da árvore, seu cachorro parou quieto, e ladrou. O rei freou o cavalo, olhou para cima e ficou completamente espantado com a beleza da princesa. Ele a chamou, se ela não queria ser sua noiva. Ela ficou quieta, calada, e apenas balançou um pouquinho a cabeça afirmativamente. Então o próprio rei subiu pela árvore, levou-a no colo até embaixo, colocou-a diante dele no cavalo e cavalgou com ela para o palácio, onde o casamento foi festejado com toda a pompa. Mas a princesa não pronunciava nunca uma palavra e o rei pensava que ela era muda. Eles bem poderiam ter vivido felizes, um com o outro, se não fosse a mãe do rei, que era muito má, começar a caluniar a rainha, enredando seu filho: “É uma moça má esta mendiga que você trouxe de fora, ela fica tramando coisas ruins pelas tuas costas .”

Como a rainha não podia se defender, o rei se deixou seduzir, e acreditou finalmente nela, e a condenou à morte. Então foi feita uma grande fogueira no pátio; ali ela deveria ser queimada. Já estava entre as chamas, que começaram a queimar suas roupas, quando os últimos minutos dos doze anos se passaram, e se ouviu no ar uma revoada, e apareceram então doze corvos voando e baixaram até ela. Então, ela disse sua primeira palavra novamente, e disse ao rei tudo como havia se passado, e que ela tinha que desencantar os doze irmãos. E todos se alegraram, que tivesse acontecido assim.

O que eles podiam fazer então com a madrasta má.... Ela foi colocada num barril cheio de óleo fervendo e serpentes venenosas, e morreu de uma morte ruim.

Traduzido de: Die zwölf Brüder. In: Brüder Grimm. *Kinder-und Hausmärchen der Brüder Grimm*. 2<sup>a</sup> ed. Frankfurt a. Main : Dietmar Klotz, 1999. p. 76-79

## 5

### Zwölf Brüder und das Schwesterchen (nº 10, manuscrito de Öllenberg)

Era uma vez um rei e uma rainha que juntos tinham doze crianças, e todos eram rapazes. O rei disse que se a décima terceira criança fosse uma menina, que ele queria matar todos seus doze filhos, mas se fosse novamente outro menino, então eles deveriam viver. Então, a rainha ficou muito triste, pois queria de todo o coração a seus doze filhos, e foi até eles e disse: o rei, vosso pai, disse que se eu tiver uma menina, ele iria matar todos vocês; mas se for um menino, então ele deixará vocês viverem. E a mãe os aconselhou, e disse: queridos filhos, vão para o bosque, que se for um menininho, então eu vou hastear em cima da torre uma bandeira branca; mas se for uma menininha, então, uma vermelha, e desse modo, seu pai não poderá matar vocês. Daí, eles foram para o bosque, e todos os dias olhavam em direção ao castelo e não viam bandeira vermelha nenhuma balançando. Mas, um dia, viram uma bandeira vermelha, e ficaram realmente furiosos, porque tinham que morrer por causa de uma menina, e aí juraram que iam viver no bosque e que iam prestar atenção: se uma menina entrasse ali no bosque, eles iam matá-la. E todo o dia, eles se revezavam: onze saíam para caçar no bosque, e um tinha que ficar cozinhando e cuidando da casa.

A irmãzinha ficou completamente sozinha em casa, e daí, um dia, estava entediada, e então foi para fora, e caminhou pelo bosque, e chegou lá onde viviam seus doze irmãos. Mas todos eles tinham saído: a não ser um, aquele que tinha que cozinhar. E assim que ele viu a menina, ele quis matá-la, porque ele também tinha feito o juramento. Mas daí a irmã implorou, e disse que ela ia cozinhar e ia cuidar da casa para eles, isso se ele a deixasse viver. Por sorte, ele era o irmão caçula, que se compadeceu dela, e prometeu deixá-la viver. E quando os outros doze voltaram da caça, eles se espantaram, quando encontraram ali a menina viva. Daí, o irmão mais novo disse: queridos irmãos, esta jovem chegou do bosque e me implorou tanto pela sua vida, que aí eu pensei, ela bem que poderia cozinhar para nós e fazer os serviços da casa, e então nós doze podíamos ir juntos caçar. E daí os

outros também concordaram, e então todos os doze foram caçar e ela ficou sozinha em casa – arrumava as camas e preparava a comida.

Então, um dia, quando os doze irmãos tinham de novo saído, a irmãzinha foi passear no bosque, e chegou a um lugar, onde cresciam doze lírios brancos, e eles eram tão bonitos, que ela cortou eles todos juntos. Daí veio uma mulher velha, que disse: ah, minha filhinha, porque você não deixou aí essas doze flores brancas? Eram os teus doze irmãos que agora foram transformados todos em doze corvos. Então, a irmãzinha começou a chorar de tanta tristeza, que ela tinha feito aquilo, e perguntou, se não tinha mesmo jeito de desencantar os irmãos. Daí, mulher velha disse: tem só um, mas ele é muito difícil. E a menina disse que ela só precisava dizer. Então, a velha disse: você tem que permanecer muda, durante doze anos, e não dizer uma palavra, e mesmo que falte só uma hora para os doze anos, se você disser uma única palavra, então tudo estará perdido, e teus irmãos nunca mais serão desencantados.

E, um dia, aconteceu que o filho do rei caçava no bosque, e ele viu a menina, e perguntou se ela não queria ir com ele para seu reino, e casar-se com ele. Mas ela ficou completamente calada, e não respondeu nem uma sílaba. Então, ele a tomou nos braços, e casou-se com ela, mas a mãe não podia suportá-la, pensava que ela era uma menina má. A sogra começou então a dizer calúnias, a repetir que ela tinha feito as coisas mais terríveis, e como ela não podia falar nem uma sílaba, não podia se defender, e daí o rei terminou acreditando, e condenou a menina à morte, e deu a ordem para fazerem uma grande fogueira para queimá-la. E quando ela já estava no fogo, passou-se a última hora dos doze anos, e ouviu-se um alarido no ar, e os doze corvos vieram voando, e quando baixaram ao solo, transformaram-se nos doze filhos do rei e então soltaram sua irmã. E naquele mesmo dia sua inocência apareceu, e a sogra má foi colocada num barril com óleo fervente, onde estavam cobras venenosas.

Traduzido de *Zwölf Brüder und das Schwesterchen*. In: Brüder Grimm. *Die älteste Märchensammlung der Brüder Grimm*. Cologny-Genève: Fondation Martin Bodmer, 1975

**Die sieben Raben (KHM nº 25, ed. de 1857)**

Um homem tinha sete filhos e, todavia, nenhuma filhinha, por mais que o desejasse. Finalmente, sua mulher renovou suas esperanças e quando veio ao mundo o novo filho, era mesmo uma menina. A alegria foi grande, mas a menina era frágil e pequena, e porque era fraca, quiseram logo batizá-la. Rapidamente, o pai mandou um dos rapazes até a fonte, para apanhar a água do batismo, e os outros seis foram juntos. Como cada um deles queria ser o primeiro a puxar a água, o balde acabou escapando de suas mãos, indo cair no fundo do poço. Ficaram então desolados, sem saber o que fazer, e nenhum deles tinha coragem de voltar para casa. Vendo que os filhos não retornavam, o pai ficou impaciente e disse: “Certamente esses meninos estão jogando outra vez, e se esqueceram da vida - aqueles desalmados!” Ele tinha medo que a menina morresse sem o batismo e, na raiva, gritou: “Eu gostaria que os rapazes se transformassem todos em corvos!” Mal terminara de proferir aquelas palavras, ouviu-se um alarido no ar, e ele viu, sobre sua cabeça, voando alto no céu, sete corvos negros como carvão.

Os pais não podiam desfazer o encantamento mas, por mais tristes que estivessem com a perda dos sete filhos, consolavam-se um pouco com a presença da filhinha querida, que logo recuperou as forças e, a cada dia que passava, ficava mais bonita. Durante muito tempo não supôs que tivesse irmãos, porque os pais mantinham o segredo. Até que um dia, ouviu um certo murmúrio entre os vizinhos comentando, que embora fosse realmente muito bonita, ela era culpada pelo infortúnio dos irmãos. Ficou então muito perturbada, foi até ao pai e à mãe e lhes perguntou, se era verdade que tinha irmãos e onde eles estavam. Daí, os pais não puderam mais manter o segredo, mas disseram que aquilo tinha sido uma fatalidade dos céus e que seu nascimento não era a causa daquela desgraça culpa. – tinha sido apenas a ocasião inocente. A menina, todavia, continuava com a consciência pesada, e acreditava que precisava libertar os irmãos. Não teve paz nem sossego, até que um dia saiu secretamente de casa, e partiu para o mundo distante, em busca de seus irmãos para libertá-los, custasse o que custasse. Não

levou consigo nada além de uma aliancinha de seus pais como lembrança, um naco de pão, para a fome, uma jarrinha d'água, para a sede, e uma cadeirinha, para o cansaço. Então, ela andou, andou sempre em frente, reto, até alcançar o fim do mundo. Daí, chegou ao sol, mas este era quente demais e assustador, e devorava crianças pequenas. Ela então saiu correndo dali, direto até chegar à lua. Mas ela era muito fria e também cinza e má e, notando a menina, disse: “Estou sentindo, estou sentindo.... cheiro de carne humana.....” Ela fugiu bem depressa dali, e assim chegou até as estrelas, que foram boas e gentis com ela: cada uma delas sentada sobre uma cadeirinha especial. A estrela da manhã, porém, ficou logo de pé, e entregou à menina um ossinho de galinha, dizendo: “Se você não tiver essa perninha, não vai poder abrir a montanha de vidro, e é na montanha de vidro, que vivem os seus irmãos.”

A menina então pegou a perninha, envolveu-a em um paninho e continuou a caminhar até à montanha de vidro. O portão estava trancado, e ela quis pegar a perninha, mas ao abrir o paninho, descobriu que estava vazio: ela tinha perdido o presente das boas estrelas. O que ela podia fazer então? Queria salvar seus irmãos, e não tinha mais a chave da montanha de vidro.... A boa irmãzinha pegou então um faca, cortou fora seu pequeno dedinho, enfiou-o na fechadura do portão, e abriu-o feliz. Logo que entrou, veio em sua direção um pequeno anão, perguntando: “Minha filha, o que você está procurando por aqui?” “Estou procurando meus irmãos, os sete corvos”, ela respondeu. O anão então respondeu: “Os senhores corvos não estão em casa, no momento. Mas se você quiser aguardar até eles voltarem, pode entrar e esperar um instantinho.” Em seguida, o anão trouxe a refeição dos sete corvos sobre sete pratinhos e sete copinhos, e de cada pratinho, a menina comeu um pedacinho, e de cada copinho, bebericou um pouquinho. Mas, no último deles, deixou cair a aliancinha, que trouxera consigo.

De repente ouviu no ar um alarido e um bater de asas, e então avisou o anão: “São os senhores corvos, que estão voando para casa.” Logo eles entraram, quiseram comer e beber, e procuraram por seus pratinhos e copinhos. Daí disseram um após o outro; “Quem foi que comeu do meu pratinho? Quem foi que bebeu do meu copinho? Foi boca de gente que esteve provando daqui.” Mas assim que o sétimo esvaziou seu copo, rolou até ele o anelzinho, e assim ele reconheceu a aliança do seu pai e da sua mãe. “Ah, quisera Deus, que nossa irmãzinha estivesse aqui – então nós seríamos desencantados.” Ouvindo o desejo, a

irmãzinha, que escutava escondida atrás da porta, saiu, e então todos os corvos recuperaram sua forma humana, e se abraçaram e se beijaram uns aos outros, e voltaram felizes para casa.

**Die drei Raben (KHM nº 25, ed. 1812)**

Era uma vez uma mãe que tinha três filhinhos que, num domingo, jogavam cartas sob a Igreja. E quando terminou o sermão, a mãe foi para a casa e viu o que eles estavam fazendo. Então, ela amaldiçoou aqueles filhos ateus e, no mesmo instante, eles se transformaram em três corvos negros como carvão, que voaram para bem longe dali.

Mas os três irmãos tinham uma irmãzinha, que amavam de todo o coração, e ela afligiu-se tanto com seu desterro, que não teve mais sossego, enquanto não saiu pelo mundo para procurá-los. Não levou para a longa, longa, viagem nada além de uma cadeirinha, sobre a qual repousava quando estava demasiado cansada, e não comia nada além de maçãs e pêras silvestres. Mas ela não conseguia encontrar seus irmãos – a não ser uma vez, quando eles voaram sobre a sua cabeça e um deles deixou cair uma aliancinha, e, ao erguê-la, a irmãzinha reconheceu o anel, que uma vez havia dado de presente para seu irmão caçula.

Mas ela continuou caminhando sempre em frente e para longe – tão longe que chegou ao fim do mundo. Daí foi até o sol, mas ele era muito quente e devorava crianças. Em seguida, foi até à lua, mas ela também era muito fria e má, e assim que notou a menina, disse: “Estou sentindo, estou sentindo..... cheiro de carne humana....” “Ela fugiu bem depressa dali, e assim chegou até às estrelas, que foram boas com ela, e cada uma estava sentada sobre uma cadeirinha especial. E a estrela da manhã levantou-se, e deu a ela um ossinho de galinha: “Se você não tiver essa perninha, não vai poder abrir a montanha de vidro e é na montanha de vidro, que vivem os seus irmãos.” – e daí ela pegou a perninha, envolveu-a num paninho, e continuou a caminhar até chegar à montanha de vidro. Mas o portão estava fechado. E quando procurou o ossinho, tinha perdido o mesmo no caminho. Então, não sabia mais o que fazer, e como não achava chave alguma, pegou uma faca e cortou fora seu pequeno dedinho, enfiou-o na fechadura do portão, e abriu-o feliz. Daí, veio um anão em sua direção e disse: “Minha filha, o que você está procurando aqui?” “Estou procurando meus irmãos, os três corvos.” “Os senhores

corvos não estão em casa”, respondeu o anão, “mas se você quiser esperar aqui dentro, pode entrar.” E o anão trouxe três pratinhos e três copinhos, e de cada pratinho a irmãzinha comeu um pedacinho, e de cada copinho, bebericou um pouquinho e no último deles deixou cair a aliancinha. De repente, ouviu no ar um alarido e um bater de asas, e então avisou o anão: os senhores corvos estão voltando para casa. Os corvos perguntaram, cada um: quem comeu do meu pratinho? Quem bebeu do meu copinho? Mas assim que o terceiro corvo esvaziou seu copo, ele encontrou o anel, e viu logo, que tinha vindo sua irmãzinha. Daí, eles a reconheceram pela aliancinha, e todos desencantaram e voltaram felizes para casa.



## Die drei Raben (Manuscrito de Öllenberg)

Era uma vez uma mãe, que tinha três filhinhos, que jogavam cartas durante a missa. Quando terminou o sermão, a mãe, voltando para casa, viu seu ateísmo e os amaldiçoou. Então, eles se tornaram três corvos negros e voaram embora.

A irmãzinha deles ficou perturbada e quis procurá-los. Levou consigo uma cadeirinha, sobre a qual repousava no logo caminho, e não comia nada além de maçãs e pêras. Mas não encontrava os três corvos. Porém, uma vez, um deles voou sobre sua cabeça e deixou cair a aliança, que sua irmãzinha uma vez tinha dado de presente para o irmão caçula.

Por fim, ela chegou ao fim do mundo, e foi então até o sol, mas este era quente e devorava as crianças. Em seguida, ela viajou até a lua, mas esta também era má, e disse: eu sinto cheiro de carne humana. Daí, vieram todas as estrelas em suas constelações, e a lua deu a ela uma perninha de galinha, sem a qual ela não entrava na fortaleza de vidro, onde seus irmãos estavam. Então, a irmã pegou a perninha de galinha e embrulhou-a bem em um paninho e continuou a caminhar até chegar ao portão do castelo de vidro. E assim que procurou tirar o ossinho, tinha perdido o mesmo no caminho. Então não sabia mais o que fazer, e por fim cortou fora um dedinho e abriu o portão. Então veio um anão em sua direção e disse: os senhores corvos não estão em casa. O anão trouxe três pratinhos e três copinhos. E a irmãzinha, de cada um, comeu um pedaço e bebeu um pouco, e deixou ao lado a aliancinha. Daí ela ouviu um alarido no ar, e o anão falou de novo: os senhores corvos estão voltando para casa. Os corvos perguntaram, cada um: quem comeu do meu pratinho? Quem bebeu do meu copinho? Finalmente reconheceram a irmãzinha pela aliança, e todos desencantaram e voltaram para casa.

**Die sechs Schwäne (KHM nº 49, ed. 1857)**

Um rei caçava num grande bosque, e caçava tão ansiosamente um animal selvagem, que nenhum de seus empregados pôde alcançá-lo. Quando, por fim, a noite se aproximou, ele parou silencioso, olhou ao redor, e viu que havia se perdido. Procurou uma saída, mas não encontrou nenhuma. Foi então que viu uma mulher velha, que vinha em sua direção, balançando a cabeça. Mas era uma bruxa. “Gentil mulher”, disse ele, “não poderia a Senhora indicar-me o caminho para sair do bosque ?” “Oh, claro que sim”, respondeu ela, “poder eu posso sim, Senhor. Mas tenho uma condição que, se não a quiser cumprir, nunca sairá deste bosque, e terminará morrendo de fome.” “Que condição é essa?”, perguntou o rei. “Eu tenho uma filha”, respondeu, “que é tão bonita como nenhuma outra neste mundo, e que bem poderia se tornar sua esposa. Faça dela sua rainha, e eu lhe mostro a saída do bosque. O rei, angustiado, aceitou, e a velha o levou para sua casinha, onde estava a filha, sentada diante do fogo. Ela recebeu o rei como se já o esperasse, e ele viu que ela era realmente muito bonita. Mas não gostou dela, e não podia vê-la sem sentir em seu íntimo um arrepio. Depois de a ter ajudado a montar em seu cavalo, a velha lhe mostrou o caminho, e o rei conseguiu chegar até seu castelo real, onde então o casamento foi festejado.

O rei já havia sido casado, e tinha da sua primeira mulher sete crianças - seis rapazes e uma moça – os quais ele amava sobre todas as coisas do mundo. Como temia que sua nova esposa não gostasse deles, e pudesse tratá-los mal ou lhes fazer algum dano, ele resolveu levar seus filhos para um palácio solitário, no meio de um bosque. O castelo ficava escondido, e o caminho para ali era tão difícil de achar, que nem ele próprio teria encontrado, se uma mulher sábia não tivesse dado a ele um novelo com propriedades maravilhosas: quando ele o jogava, o novelo se desenrolava sozinho e lhe mostrava o caminho. Mas o rei saía tantas vezes para visitar seus filhos queridos, que a rainha acabou notando sua ausência; ela ficou curiosa e quis saber, o que ele tinha para fazer sozinho lá fora no bosque. Ela deu então para os empregados bastante dinheiro, e eles traíram o rei contando para ela o segredo e disseram também do novelo, e que só ele podia mostrar o caminho. A partir daí, ela não teve mais sossego até descobrir onde o rei guardava o novelo, e fez então seis pequenas

blusinhas brancas, cozendo nelas um feitiço, como aprendera com sua mãe que era bruxa. E quando o rei saiu um dia a cavalo para caçar, ela pegou as blusinhas, foi para o bosque, e o novelo mostrou o caminho para ela. Os meninos, vendo à distância alguém se aproximar, pensaram logo que era o pai que vinha vê-los, e saíram correndo, alegres, para abraçá-lo. Então ela jogou sobre cada um deles uma blusinha, e no momento que elas tocaram seu corpo, eles se transformaram em cisnes e saíram voando sobre o bosque, para bem longe dali. Daí, a rainha foi bem contente para casa, acreditando que tinha se livrado dos filhos postiços, já que a menina não correria com os irmãos em sua direção. No outro dia, veio o rei, querendo visitar seus filhos, mas não encontrou ninguém além da menina: “Onde estão teus irmãos?”, ele perguntou. “Ai, meu pai querido”, respondeu “eles foram embora e me deixaram aqui sozinha.” Daí, contou a ele tudo o que ela tinha visto se passar, da sua janelinha: como os seus irmãos tinham sido transformados em cisnes, e voado para longe, no bosque. E também mostrou a ele as penas que haviam caído no pátio do palácio. O rei ficou muito triste, em luto, mas não imaginou que fosse a rainha que tivesse feito aquela maldade, e porque ele também temia que a sua filha fosse roubada, resolveu levá-la com ele para o palácio. Mas como ela tinha medo da madrasta, pediu ao rei, se ela não podia ficar só mais aquela noite no castelo da floresta. Então a pobre menina pensou “meu lugar não é mais aqui, eu quero sair pelo mundo e procurar pelos meus irmãos”. E quando a noite chegou, ela fugiu, e foi direto para dentro do bosque. Ela caminhou a noite inteira, e também nos dias seguintes, até não poder mais de cansaço. Foi então que ela viu uma choupana, entrou, e encontrou um aposento com quatro pequenas camas. Mas não teve coragem para deitar-se nelas e, se agachando debaixo de uma, deitou-se ali mesmo, sobre o chão duro. Mas quando o sol começou a se por, ela ouviu um alarido de pássaros, e viu que seis cisnes entravam pela janela. Eles pousaram sobre o chão, sopraram e sopraram uns aos outros, e foram se despidendo de todas as penas, como se fora de uma blusinha branca. Então a menina viu e reconheceu que eles eram os seus irmãos. Ficou muito contente e saiu, rastejando, por debaixo da cama. Os irmãos não se alegraram menos quando viram a irmãzinha, mas a sua alegria durou pouco. “Aqui não pode ser o teu lugar”, eles disseram para ela. “Isso aqui é um esconderijo de ladrões, e se chegam e te vêem, então eles vão te matar.” “E vocês não podem me proteger?” , perguntou a irmãzinha . “Não”, responderam todos juntos, “porque nós só podemos deixar nossos corpos de cisnes por apenas um quarto de hora, todas as noites, quando então recuperamos nossa

forma humana, mas depois nos transformamos em cisnes novamente.” A irmã, chorando, perguntou: “Vocês então não podem ser desencantados ?” “Ah, não”, exclamaram, “as condições para isso são muito, muito difíceis. Você não poderia falar nem rir, durante seis longos anos, e durante esse tempo teria que cozer para nós seis blusinhas tecidas com miosótis. Mas se sair da tua boca uma só palavra, todo o trabalho estará perdido.” E assim que terminaram de dizer aquelas palavras, passou o quarto de hora, e todos eles voaram feito cisnes pela janela. Mas a menina tomou a firme decisão de desencantar seus irmãos, mesmo que isso custasse sua vida. Abandonou a cabana selvagem, foi para o meio do bosque e sentou-se numa árvore, e ali ela passou a noite. No dia seguinte, ela saiu, reuniu miosótis e começou então a cozer. Conversar ela não podia com ninguém, e para rir, tinha vontade nenhuma, e ficou ali, sentada, e olhava apenas para seu trabalho. Quando então já havia se passado muito e muito tempo, aconteceu que um dia o rei daquelas terras que caçava por ali com outros caçadores, chegou até a árvore, onde estava sentada a menina. Eles chamaram por ela, e chamaram, perguntando: “Quem é você?” Ela não disse uma palavra. “Nós não queremos te fazer mal ....” Ela balançava negativamente a cabeça, e jogou então o seu cinto para eles. Mas como isso de nada adiantou, ela jogou então as ligas das meias, e assim, peça depois de peça, foi jogando tudo o que possuía e vestia, até ficar só com a camisetinha sobre o corpo. Mas os caçadores não se deixaram comover, subiram até a árvore, tomaram a menina em seus braços e a conduziram até o rei. O rei perguntou “Quem é você?” O que você faz aí em cima da árvore?” Mas ela nada respondeu. Ele perguntou em todas as línguas que conhecia, mas ela permaneceu muda como um peixe. Mas como ela era tão bonita, o rei sentiu que seu coração se comovia, e logo lhe tomou grande afeição. Pôs então seu manto sobre ela, levou-a até seu cavalo, e a trouxe para seu castelo. Daí, mandou que lhe costurassem os mais ricos vestidos, e ela, em todo seu esplendor, raiava como a luz do dia. Mas da sua boca, não se ouvia nem um tom. Ela se sentava à mesa ao seu lado, e suas maneiras modestas e delicadas o agradavam muito, tanto que ele disse: “É com esta que quero me casar, e com nenhuma outra sobre a face da terra.” E, passados uns dias, eles se casaram.

O rei, porém, tinha uma mãe má, que não ficou nada contente com aquele casamento e começou a falar mal da jovem rainha. “Sabe-se lá de onde vem essa moça”, dizia ela, “que não sabe nem falar. Ela não é digna de um rei” Um ano depois, quando a rainha trouxe ao mundo seu primeiro filho, a velha roubou a criança e

lambuçou sua boca com sangue. Foi até o rei e caluniou a moça, dizendo que ela era uma ogra, mas o rei não quis acreditar, e não permitiu que lhe fizessem mal. Enquanto isso ela se mantinha sentada, continuava a cozer, e não pensava em outra coisa. Na vez seguinte, quando concebeu novamente um bonito menino, a falsa sogra lhe fez a mesma injúria, mas o rei não conseguia acreditar nas suas palavras. Ele dizia: “Ela é boa e piedosa, não se defende porque não pode falar; não fosse assim, sua inocência já teria aparecido à luz do dia!”. Mas quando, pela terceira vez, a velha roubou o filho recém-nascido e acusou a rainha, que não podia dizer uma única palavra em sua defesa, então o rei não teve outro remédio, senão entregá-la ao tribunal, que decretou que ela devia padecer no fogo até a morte.

Quando chegou o dia de cumprir a sentença, completou-se também os seis anos durante os quais ela não podia falar nem rir, e ela então libertou os seus irmãos do poder do feitiço. As seis blusinhas estavam prontas: só em uma ficou faltando o braço esquerdo. Quando ela foi conduzida até à pira, estendeu as blusinhas sobre seu braço, e quando estava lá em cima e a fogueira ia ser acendida, então ela olhou para o céu, e lá vinham os seis cisnes batendo as asas pelos ares. Então ela percebeu que sua salvação estava próxima, e seu coração alegrou-se de felicidade. Os cisnes, revoando, desceram até o solo, e assim ela pode jogar sobre eles as blusas. No mesmo instante em que elas os tocaram, começaram a cair suas plumagens. Lá estavam novamente seus irmãos diante dela: vivos, cheios de viço e beleza. Apenas ao mais moço deles, ficou faltando o braço esquerdo, e por conta disso ele passou a ter nas costas uma asa de cisnes. Eles se abraçaram e se beijaram, e a rainha foi ao rei, que estava completamente pasmo, e começou a falar, e disse “Meu amado esposo, finalmente posso te abrir meu coração, dizer que sou inocente e que fui falsamente incriminada.” E contou a ele sobre a mentira da velha, que ela havia roubado seus três filhos e os escondera. Então, para grande alegria do rei, eles foram trazidos de volta, e a sogra má foi amarrada no mastro da fogueira e queimada até virar brasa. O rei e a rainha em compensação viveram por muitos anos em paz, e felizes com seus três filhinhos.

Traduzido de: Die sechs Schwäne. In: Brüder Grimm. *Kinder-und Hausmärchen*. Stuttgart : Reclam, 1982. 3 v. V. 1. p. 251-256.

**Die sechs Schwäne, (KHM nº 49, ed. 1812)**

Um rei caçava em um grande bosque, perdeu-se e não pôde mais encontrar a saída. Daí ele finalmente encontrou uma bruxa, e pediu a ela, que o conduzisse até a saída. A bruxa respondeu, que aquilo não aconteceria nunca: ele teria que ficar ali e perder a vida, a não ser que ele se cassasse com a filha dela.

O rei tinha gosto pela vida, e angustiado, disse sim. A bruxa trouxe até ele a moça, ela era jovem e bonita, mas ele não podia vê-la, sem sentir um arrepio de medo. No entanto, queria cumprir o que prometera. A velha então conduziu os dois ao caminho certo e, chegando à casa, a filha da bruxa se tornou sua mulher. Mas o rei tinha ainda sete crianças de seu primeiro casamento, seis meninos e uma menina, e porque ele temia que a madrasta pudesse fazer algum mal a eles, ele as levou até um castelo, que ficava no meio do bosque. Ficava tão escondido, que ninguém sabia o caminho, e nem ele teria encontrado, se uma mulher sábia não tivesse dado a ele um novelo: quando ele jogava, desenrolava e mostrava para ele o caminho. Mas como o rei tinha grande amor por seus filhos, e ele saía freqüentemente para visitá-los, então a rainha ficou curiosa, e quis saber, o que o rei ia fazer sozinho, lá no bosque. Ela pressionou os empregados, e eles contaram para ela todo o segredo. Daí, a primeira coisa a se fazer, foi conseguir o novelo, e então ela pegou sete pequenas blusinhas e foi com elas para o bosque. O novelo mostrava para ela o caminho, e quando os seis pequenos príncipes a viram de longe, se alegraram, pensando que o pai vinha vê-los e correram para ela. Então, ela jogou sobre cada um deles uma blusinha, e mal elas tocaram seus corpos, eles se transformaram em cisnes, levantaram vôo e fugiram dali. Ela imaginou, então, que tinha se livrado de todos seus filhos postiços, e voltou para casa, e assim, a menina, que havia ficado em seu quarto, se salvou. No dia seguinte, veio o rei, e ela contou a ele o que havia acontecido, e mostrou a ele ainda as penas de cisnes que caíram dos irmãos no pátio do castelo.

O rei levou um choque, mas nunca imaginou que a rainha pudesse ter feito aquela maldade, e porque estava preocupado também que lhe roubassem a

princesa, ele quis trazê-la para casa. Mas ela teve medo da sua madrasta e pediu para ele deixar ela ficar só mais aquela noite no castelo. À noite, ela fugiu, e foi direto para o meio do bosque.

Depois de todo um dia e uma noite que ela tinha ido embora, ela chegou a uma choupana. Subiu até lá, e encontrou um aposento com seis pequenas camas. Como estava cansada, deitou-se sobre uma delas e quis passar ali a noite. Mas no por do sol, chegaram os seis cisnes voando janela adentro, pousaram sobre o chão e sopraram uns aos outros, e sopraram todas as penas, como se eles se despissem de um pano, e lá estavam os seis irmãos. Daí ela saiu rastejando por debaixo da cama, e os irmãos se alegraram em revê-la, e se emocionaram. “Você não pode ficar aqui”, eles disseram, “isso aqui é um abrigo de ladrões; quando eles voltam em comboio de suas atividades, dormem aqui. Todas as noites nós podemos nos livrar por um quarto de hora das penas de cisne, e durante esse intervalo recuperar nossa forma humana, mas depois, acabou-se. Se você quiser nos desencantar, você tem que costurar seis blusinhas de miosótis durante seis anos, e durante esse tempo não pode falar nem rir, ou todo o trabalho terá sido em vão.” E assim que os irmãos disseram isso, passou-se o quarto de hora e eles se transformaram novamente em cisnes.

Mas na manhã seguinte, a menina colheu miosótis, sentou-se no alto de uma árvore e começou a cozer. Não dizia uma palavra e não ria, apenas concentrava-se em seu trabalho. Passado um tempo, o rei, a quem pertencia aquelas terras, caçava naquele bosque, e seus companheiros chegaram até a árvore onde se sentava a menina. Eles chamaram, dizendo que ela deveria descer, e como ela não queria lhes responder, quis satisfazê-los com um presente e jogou para eles seu cordão de ouro. Mas eles continuavam chamando, daí ela jogou seu cinto, e como isso também de nada resolveu, ela jogou as ligas de suas meias, e por fim tudo o que possuía, até não vestir nada mais além da blusinha sobre seu corpo. Mas para os caçadores, aquilo tudo ainda não bastava, e eles subiram na árvore, pegaram com violência a menina, e a levaram até o rei. O rei ficou espantado com sua beleza, agasalhou-a com seu sobretudo, e a ajudou a montar sobre seu cavalo, levando-a para casa. E apesar de muda, amou-a de todo o coração, e logo ela se tornou sua esposa. Mas a mãe do rei não gostou daquele casamento, falava mal dela, que ninguém sabia de onde ela vinha, e que não era digna de um rei. Quando então ela trouxe ao mundo o primeiro príncipe, a sogra lhe tomou a criança,

lambuçou sua boca de sangue, dizendo para o rei, que a rainha tinha devorado seu próprio filho, e que ela era uma feiticeira . Mas o rei não queria acreditar, por causa do grande amor que sentia por ela. Depois, quando ela concebeu o segundo príncipe, a sogra fez a mesma perversidade, caluniando de novo a rainha diante do rei, e como não podia falar, e continuava trabalhando muda e sentada diante das seis blusinhas, ela foi condenada à fogueira. Por fim, chegou o dia em que a pena deveria ser cumprida, e este foi justamente o último dia dos seis anos. Ela também tinha terminado com o trabalho das seis blusinhas: apenas em uma ficou faltando o braço esquerdo. Quando então foi conduzida à pira, ela levou consigo as seis blusinhas, e assim que chegou no cume da fogueira, avistou no ar seis cisnes se aproximando sobre ela. Então ela jogou para cima as seis blusinhas, que caíram sobre os cisnes, e mal elas os tocaram, caíram suas plumagens, e os seis irmãos apareceram diante dela vivos - apenas ao sexto deles ficou faltando o braço esquerdo e, em seu lugar, ele ficou com uma asa sobre as costas. Então ela recuperou a língua, e contou, como a sogra maldosamente a tinha caluniado, e por isso ela foi levada à pira da fogueira e foi queimada. A rainha em compensação viveu muito tempo feliz com o rei, e com os seus seis irmãos.



**Marienkind (KHM nº 3, ed. 1857)**

Diante de um grande bosque, vivia um lenhador com sua mulher e sua única filha, que era uma menina, e tinha três anos. Eles eram tão pobres que não tinham nem mesmo o pão de cada dia, e não sabiam mais o que fazer para dar de comer à menina. Então o lenhador foi, cheio de preocupação trabalhar no bosque. Mas assim que começou a cortar a lenha, apareceu de repente diante dele uma linda, grande mulher, que tinha sobre a cabeça uma coroa cheia de brilhantes estrelas, que lhe disse; “Eu sou a Virgem Maria, a Mãe do Menino Jesus. Você é pobre e passa necessidade, traga-me sua filha; eu quero levá-la comigo, quero ser sua mãe e cuidar dela.” O lenhador obedeceu <sup>6</sup>, foi apanhar sua criança, e a entregou para a Virgem Maria, que a levou consigo para o céu. Lá a menina passava muito bem, comia pão-de-ló e tomava leite doce. Todos os seus vestidos eram de ouro e os anjinhos brincavam com ela. Quando ela completou quatorze anos, a Virgem Maria então chamou-a até ela e disse: “querida, eu tenho uma longa viagem a fazer, então guarde com você as chaves das treze portas do reino do céu; doze você pode abrir e admirar o que houver, mas a décima-terceira, que esta chave abre, esta está proibida para você: resguarde-se de abri-la, senão te passará uma grande infelicidade.” A menina prometeu ser obediente. e assim que a Virgem saiu, ela começou a ver os quartos do reino celeste. Cada dia abria uma porta, até chegar à décima segunda. Em cada uma delas estava um apóstolo rodeado de grande esplendor. A menina se encantava com tamanha suntuosidade sagrada; e os anjinhos que a acompanhavam alegravam-se com ela. Até que restou sozinha apenas a porta proibida; e a menina sentiu uma enorme vontade de saber o que se escondia lá por detrás. E foi então que disse aos anjinhos: “Abri-la completamente eu não quero, e nem mesmo entrar. Mas só um pouquinho para dar uma olhadinha pela fresta.....”. “ Ah, não!” exclamaram os anjinhos, ”Isso seria um pecado: a Virgem Maria proibiu, e isso poderia te causar uma desgraça”. Assim ela silenciou, mas não o desejo em seu coração; pelo contrário ficou lá

---

<sup>6</sup> o verbo obedeceu acompanhado da conjunção e, aparecem riscados na versão com as anotações manuscritas

espicaçando e alfinetando direitinho sua vontade. E quando os anjos uma vez saíram de perto, ela pensou “Agora que estou sozinha, bem poderia dar uma olhadela. Ninguém vai ficar sabendo, se eu fizer” Ela procurou a chave e quando a tinha em sua mão, enfiou-a no buraco da fechadura, e depois de enfiada, girou-a. E, num salto, a porta se abriu e ela de repente viu, em fogo e esplendor assentada, a Santíssima Trindade. Ela ficou um momentinho parada, olhando espantada aquilo, e então tocou levemente com o dedo o brilho, que se tornou totalmente dourado. Logo ela sentiu um medo violento, bateu com força a porta e saiu dali correndo. O medo não quis mais abandoná-la, e começasse a fazer o que, quisesse, lá recomeçava seu coração a bater violentamente, e não parava de bater. Também o ouro ficou em seu dedo e não saía, lavasse e esfregasse o quanto quisesse.

Não muito tempo depois, voltou a Virgem Maria da sua viagem.. Chamou até ela a menina e pediu de volta a chave do céu. Quando ela lhe ofereceu o molho de chaves, a Virgem olhou-a nos olhos e disse: “Você não abriu também a décima terceira porta? “Não”, respondeu a menina Então a Virgem colocou sua mão sobre o coração da jovem, e sentiu como batia e batia, e percebeu que a menina havia desrespeitado a sua ordem e aberto a porta. Então ela perguntou de novo: . “Tem certeza de que não abriu?”. “Não” respondeu a menina pela segunda vez. Então ela lançou o olhar para o dedo manchado de ouro, e logo percebeu que ela havia pecado, e disse pela terceira vez : “Você não abriu mesmo a porta?” “Não”, respondeu a menina pela terceira vez. Então a Virgem Maria falou: “Você não me obedeceu, e ainda por cima, mentiu; você não é mais digna de viver no céu.” Então a menina caiu em um sono profundo, e quando despertou estava cá embaixo, na Terra, em um lugar selvagem. Quis gritar , mas não pode soltar um único tom. Ela saltou e quis fugir dali, mas para onde corria, era impedida por grossos espinheiros, que não podia atravessar. Naquele ermo em que estava, havia, porém, uma árvore alta com um buraco no tronco, e foi aí que encontrou abrigo. Ela se arrastava para lá dentro quando a noite vinha, e ali ela dormia e se abrigava quando chovia e havia tempestades. Mas era uma vida de fazer dó; quando pensava como era tão bom no céu, como ela brincava com os anjos, então ela começava a chorar amargamente. Raízes e frutos silvestres eram seus alimentos; ela os procurava tão longe quanto podia ir. No outono reunia nozes e folhas caídas das árvores e as levava para a toca. As nozes serviam de

alimento durante o inverno, e quando vinha neve e geada, ela se arrastava, como um pobre animalzinho para sua toca, e se cobria com as folhas para não gelar. Em pouco tempo, suas roupas rasgaram e foram caindo, pedaço por pedaço, de seu corpo. Assim que o sol reapareceu e brilhou quente, ela saiu e se sentou diante da árvore, e seus enormes cabelos cobriram-na por todos os lados, como um casaco. Assim foi ano após ano, ela sentindo toda a desgraça e a miséria do mundo.

Uma vez, quando as árvores já exibiam novamente seu fresco verdor, o Rei da região caçava no bosque e, como perseguia um veado que fugira para dentro dos arbustos, ele desceu do cavalo, e abriu com sua espada um caminho pelo meio do matagal. Quando ele por fim conseguiu atravessá-lo, viu sentada, debaixo da árvore, uma menina maravilhosa, ali sentada e coberta até a ponta dos pés por seu cabelo dourado. Ele ficou ali de pé, parado e em silêncio, cheio de espanto, e então se dirigiu a ela e perguntou “quem é você? Por quê está sentada aqui diante desta árvore?”. Mas ela não disse uma palavra, pois não podia abrir a boca. O rei continuou então: “Você quer vir comigo para o meu palácio?” Aí ela balançou só um pouco a cabeça. Então o Rei a tomou em seus braços e a levou até seu cavalo e cavalgou com ela até a casa, e ao chegarem no palácio, mandou que a vestissem com lindas roupas e lhe deu tudo em fartura. E mesmo não pudesse falar, como era tão amável e tão bonita, logo ganhou seu coração, e não durou muito, para que ele a pedisse em casamento.

Passado um ano, a rainha trouxe ao mundo um lindo príncipe. À noite, quando estava sozinha em sua cama, apareceu-lhe a Virgem Maria e disse: “Você quer dizer agora a verdade, que você abriu a porta proibida? Eu te abro a boca e devolvo tua língua; mas se você persistir no pecado e na mentira, eu levo comigo o teu recém nascido” Aí lhe foi concedida por a língua, mas ela permaneceu obstinada e falou: “Não, eu não abri a porta proibida.”. Então a Virgem Maria tomou de seus braços o recém nascido e desapareceu com ele.

Na manhã seguinte, quando deram por falta da criança, começou um murmúrio, que a rainha era um bicho-papão e havia comido seu próprio filho. Ela ouvia tudo e não podia dizer nada para se defender. O rei não podia acreditar, pois ele já tinha muito amor por ela. Depois de um ano, a rainha deu à luz novamente a um príncipe, a Virgem Maria apareceu de novo diante dela à noite e lhe disse: “Você quer confessar que abriu a porta proibida? Eu te devolvo seu filho e solto tua língua; mas se você persistir no pecado e na mentira, então eu vou tomar

também o teu recém nascido. Mas a rainha retrucou, “Não, eu não abri a porta proibida”, e a Virgem levou consigo a criança. No dia seguinte, quando notaram outra vez o desaparecimento da criança, as pessoas começaram a dizer em alto e bom som, que a rainha tinha devorado seu filho. E os conselheiros do Rei exigiam, ela devia ser condenada. Mas como o rei a queria tão bem, ele não podia acreditar, e proibiu, sob pena de morte, que se falasse sobre aquilo.

No terceiro ano ela trouxe ao mundo uma princesa, e lá apareceu novamente a Virgem Maria, que levou a rainha até o céu, e lhe mostrou seus dois outros filhos, que brincavam com a bola do mundo. Quando a rainha se alegrou, ela disse: “Seu coração ainda não amoleceu? Se você admitir que abriu a porta proibida, eu devolvo para você teus dois filhinhos.” Mas a rainha respondeu pela terceira vez: “Não, eu não abri a porta proibida.” Então a Virgem fez com que caísse novamente, e tomou dela seu terceiro filho.

Na manhã seguinte, quando se tornou público, todos começaram a gritar alto, “A rainha é um bicho-papão, ela precisa ser condenada!”, e o rei não pôde mais impedir seus conselheiros. Então, foi feito o julgamento, e como ela não podia responder e se defender, foi condenada a morrer na fogueira. Trouxeram a madeira, o fogo já começava a queimar à sua volta, e então se derreteu o duro gelo do orgulho de seu coração, comovido pelo arrependimento. E então ela pensou consigo: “Ah, se eu pudesse pelo menos confessar, antes da minha morte, que eu abri a porta proibida.....”. Então de repente voltou a sua voz, e ela disse bem alto, “Sim Maria, eu abri a porta.” E nesse exato momento caiu uma chuva do céu que apagou as chamas da fogueira, e sobre ela apareceu uma luz, e a Virgem Maria desceu com seus filhinhos, um de cada lado, e no colo, a filhinha recém nascida. Ela então ela lhe disse carinhosamente: “Quem reconhece e se arrepende de seus pecados, estes lhes serão perdoados”, e lhe entregou suas três crianças, soltou sua língua e lhe concedeu felicidade por toda a vida.

Traduzido de: Marienkind. In: Brüder Grimm. *Kinder-und Hausmärchen*. Stuttgart : Reclam, 1982. 3 v. V. 1. p. 36-41

**Marienkind (KHM nº 3, ed. de 1812)**

Diante de um grande bosque, vivia um lenhador com sua mulher e sua única filha, que era uma menina, e tinha três anos. Eles eram tão pobres que não tinham nem mesmo o pão de cada dia, e não sabiam mais o que fazer, e o que dar de comer para a filha. Então o lenhador foi todo preocupado para o bosque trabalhar, mas logo que começou a cortar a lenha, apareceu de repente diante dele uma virgem, um mulher grande, linda, que tinha sobre a cabeça uma coroa cheia de estrelas brilhantes, que lhe disse: “Eu sou a Virgem Maria, a Mãe do Menino Jesus. Traga-me sua filha, que eu quero levá-la comigo, quero ser sua mãe e cuidar dela.” O lenhador obedeceu, foi apanhar sua filha, e deu-a para a Virgem Maria, que a levou para o céu. Lá a menina passava muito bem, comia apenas pão-de-ló e tomava leite doce. Todos os seus vestidos eram de ouro e os anjinhos brincavam com ela. Assim ela chegou aos quatorze anos no céu, quando então a Virgem Maria precisou fazer uma longa viagem, mas antes de ir, ela chamou a menina e lhe disse: “Querida, eu vou lhe confiar as chaves das treze portas do reino do céu; doze você pode abrir e admirar o que houver, mas nunca a décima terceira, que esta chave abre.” A menina prometeu obedecer suas ordens, e assim que a Virgem saiu, ela abriu cada dia uma porta, e viu os quartos do reino celeste. Em cada um, se sentava um apóstolo e eram cercados de tamanho esplendor e magnitude, como ela jamais vira em sua vida. Quando ela abriu as doze portas, sobrou ainda a proibida, e por um tempo resistiu, mas finalmente foi vencida por sua curiosidade e ela abriu a décima terceira porta. E assim que se abriu a porta, ela viu, em fogo e esplendor assentada, a Santíssima Trindade, e ela então tocou levemente seu brilho com o dedo, que se tornou completamente dourado. Mas então ela rapidamente fechou a porta e correu - seu coração batia com toda a força e não queria parar de bater.

Depois de alguns dias a Virgem Maria voltou da sua viagem e pediu à menina a chave do céu, e assim que ela lhe apresentou a chave, ela a olhou e disse: “Você não abriu também a décima terceira porta, abriu ?” “Não”, respondeu

a menina. Então a Virgem colocou sua mão sobre o coração da jovem, que batia e batia, e ela viu que a menina tinha desobedecido a sua ordem e aberto a porta. “Tem certeza de que não abriu?” “Não,” continuou respondendo a menina. Então ela viu o dedo manchado de ouro – ela tinha tocado o fogo celestial –, e teve certeza de que era culpada, e falou: “Você não me obedeceu, e mentiu; você não é mais digna de permanecer no céu.”

Nesse momento a menina caiu em um sono profundo, profundo, e quando despertou, estava sobre a terra, deitada sob uma árvore alta, cercada de tal modo por densos arbustos, que a menina ficou ali encerrada. Também sua boca estava fechada e não podia pronunciar uma única palavra. Na árvore havia um buraco, e aí ela ficava sentada durante as chuvas e tempestades, e também dormia ali durante a noite. Seus alimentos eram raízes e frutos silvestres; ela os procurava até onde podia ir. No outono, reunia raízes e folhas e as levava para a toca, e quando nevava e esfriava ela ficava ali enroscada. Suas roupas apodreceram e caíram, e então ela cobriu-se com as folhas. Quando o sol novamente brilhou e aqueceu, ela saiu, sentou-se diante da árvore, e seus enormes cabelos a cobriram por todos os lados, como um casaco.

Uma vez, na primavera, quando ela estava sentada diante da árvore, alguém forçou violentamente o arbusto. Era um rei, que fora caçar no bosque e se perdera. Ele se espantou que naquele ermo estivesse sozinha uma jovem tão bonita, e perguntou se ela não gostaria de ir com ele para seu palácio. Mas ela não podia responder, apenas balançar um pouco com a cabeça, e então o rei a segurou em seus braços e a colocou sobre seu cavalo e se dirigiram para casa. Logo ele ganhou um tal amor por ela que a fez sua mulher. Passado um ano, a rainha trouxe ao mundo um lindo príncipe. À noite, apareceu-lhe a Virgem Maria e disse: “Diga agora a verdade, que você abriu a porta proibida, e eu então lhe devolvo a língua, pois sem ela você não pode ser feliz; mas se você for teimosa e não quiser confessar, então eu te tomo a criança.” Mas a Rainha manteve o que havia dito – ela não havia aberto a porta. Então a Virgem Maria pegou a pequena criança e desapareceu com ela. Na manhã seguinte, quando notaram o desaparecimento da criança, começou um murmúrio, que a Rainha muda era um bicho-papão e havia comido seu próprio filho. Depois de um ano, a Rainha deu à luz novamente a um príncipe, a Virgem Maria apareceu de novo diante dela e lhe pediu que dissesse a verdade, senão perderia também seu segundo filho. Mas a rainha persistiu, que ela

não havia aberto a porta proibida, e a Virgem levou consigo a criança. Na manhã seguinte, quando deram por falta da criança, os conselheiros do Rei declararam, a rainha era um bicho-papão e exigiram que fosse condenada por seus atos ímpios. Mas o Rei ficou em silêncio, não podia acreditar que ela fosse uma ogra – ele já tinha muito amor por ela. No terceiro ano, ela trouxe ao mundo uma Princesa, e lá apareceu novamente a Virgem Maria, que levou a rainha até o céu, e lhe mostrou seus dois outros filhos, que brincavam com a bola do mundo. Em seguida pediu-lhe mais uma vez que admitisse seu erro, que não continuasse mais tempo na mentira. Mas não havia jeito dela se convencer, e a Rainha persistiu na mentira. Então a Virgem Maria a abandonou, e levou consigo a filha caçula.

O rei então não pode mais conter seus conselheiros – eles afirmavam, a Rainha era um bicho-papão, isso era certo – e como era muda e não podia defender-se, ela foi condenada à fogueira. E o fogo já começava a arder à sua volta, quando seu coração se comoveu e ela pensou: “Ah, se tenho que morrer, como gostaria antes de rever a Virgem Maria e confessar, que eu abri a porta proibida do céu. Como fiz mal em mentir!” E assim que pensou isso, neste momento, o céu se abriu; a Virgem Maria desceu, ao seu lado, os filhos da rainha e, em seu colo, a caçula. Então o fogo se apagou por conta própria, ela foi para o lado da Rainha e falou: “Agora que você quis dizer a verdade, a tua culpa foi perdoada.”, lhe devolveu as crianças, abriu sua boca para que dali em diante pudesse falar, e lhe concedeu felicidade por toda a vida.

Traduzido de :Marienkind. In: BRÜDER GRIMM. *Kinder –und Volksmärchen*. 2<sup>a</sup> ed. Eschborn bei Frankfurt a. Main : Klotz, 1999. p.67-70

***Marienkind (nº 34, manuscrito de Öllenberg)***

Diante de um grande bosque vivia um pobre lenhador com sua mulher, eles tinham uma pequena menina de três anos, mas ambos eram tão pobres, que não podiam alimentá-la. O lenhador caminhou para o bosque em grande tristeza, sempre com medo pensando no que seria de sua filhinha, e assim ele chegou na mata espessa do bosque. Então apareceu de repente diante dele uma mulher linda, um brilho iluminava seu rosto, ela trazia uma coroa toda de estrelas, e seu vestido era azul celeste banhado de estrelas prateadas. Ela falou para ele: “Eu sou a Virgem Maria, eu sei que você não pode alimentar sua filhinha, traga ela para mim, eu vou levá-la comigo e ser sua mãe. Ele correu para casa e levou a menina até o bosque. No início, ela sentiu medo de como a mulher brilhava, mas logo ela foi até ela e segurou sua mão.

A Virgem Maria levou a criança com ela para o céu. Ali ela ganhou vestido de ouro e os anjos brincavam com ela. E assim ela viveu em grande satisfação até os seus quatorze anos. Aí a Virgem Maria precisou viajar, e foi até à menina e falou: “Querida, eu preciso fazer uma longa viagem; eu vou lhe confiar as chaves das treze portas do reino do céu; doze você pode abrir e admirar o que houver, mas nunca a décima terceira, que esta chave abre.” A menina prometeu obedecer suas ordens, e assim que a Virgem saiu, ela abriu cada dia uma porta, e viu os quartos do reino celeste. Em cada um sentava-se um apóstolo e eram cercados de tamanho esplendor e magnitude, como ela jamais vira em toda a sua vida. Quando ela abriu as doze portas, sobrou ainda a proibida.; por um tempo ela se manteve pia e temerosa, mas não pode mais segurar a sua curiosidade. Ela pegou a chave e abriu a porta.. Então ela viu, assentada num fogo e esplendor indescritível, a Santíssima Trindade. Rapidamente, ela fechou a porta, mas seu coração ficou cheio de medo, um medo que não parava de crescer e não a deixava mais tranqüila. Logo depois, a Virgem Maria voltou de sua viagem e depois de receber de volta as chaves, ela lhe perguntou: “Você não abriu a porta proibida?” “Não”, disse a menina. Aí a Maria colocou sua mão sobre seu coração. Ele batia



violentamente, e ela viu, que ela havia desrespeitado sua ordem. Ela perguntou mais uma vez, mas a menina respondeu novamente: “Não, não fui eu.” Então ela disse: “Você não é mais digna do céu.” Ela caiu então num profundo sono, e a Virgem a levou para baixo, até a Terra. Quando a menina acordou, o céu brilhante havia desaparecido, ela se encontrava sob uma árvore, à sua volta havia arbustos densos, e nenhum saída à vista. Em grande aflição e silêncio, porque estava muda, ela passou os dias e se alimentava de raízes e frutos silvestres. Quando chegava o outono, colhia todas as folhas que caíam da árvore, e as levava para a toca; depois colheu raízes e assim, sentada na árvore, passou todo o inverno. Por fim, quando chegou a primavera e os brotos começaram a surgir, ela saiu da toca e se sentou no sol diante da árvore. Seus cabelos dourados caíam compridos até os pés de seu vestido de veludo vermelho, que ela também havia usado no céu. E estava ali sentada, em silêncio e numa beleza indescritível, quando o rei da região chegou cavalgando naquela floresta. Ele ficou tocado com a beleza de sua figura e perguntou a ela, quem ela era, mas a menina não podia responder, e apenas o olhou compassiva. Ele a levou até seu cavalo e se dirigiu com ela até o seu castelo. E lá ela se tornou sua noiva.

Passado um ano, a rainha teve um jovem pequeno príncipe. O rei e todo o país se alegraram muito, mas naquela noite, quando a Rainha estava sozinha com a criança, apareceu a Virgem Maria diante da sua cama e falou: “Vê? Você não está feliz, pois não pode falar; confesse que você abriu a porta, ou eu levo comigo seu filho.” Mas ela negou, e Maria levou embora a criança. No dia seguinte, o rei ficou muito chocado, quando deu pela falta do príncipe. A rainha ficou muito desolada, mas ficou muda. Os conselheiros queriam que ela fosse queimada, porque ela tinha devorado seu filho, mas o rei não podia se decidir.

Passado mais um ano, ela trouxe outro príncipe ao mundo. A Virgem Maria apareceu, e como a rainha manteve sua mentira, ela levou também esse filho. Os conselheiros começaram a exigir então que a ogre fosse punida, mas o rei a defendeu ainda desta vez.

No ano seguinte, a rainha concebeu uma princesa. Tudo se passou como das primeiras vezes. Então o rei não pôde se negar por mais tempo: ela ia ser condenada à fogueira.

Quando a rainha já estava sobre a lenha, de novo com seu vestido de veludo vermelho e os cabelos dourados soltos, seu coração então se comoveu, e ela

pensou: “Oh, como eu gostaria de confessar tudo agora” Nisso, apareceu um brilho no céu, e a Virgem Maria desceu dali com toda a sua suntuosidade – ela levava uma pequena criança em seu colo, duas outras maiores a seu lado. Ela chegou até a rainha e disse: Então, você quer reconhecer que abriu a porta? Ela respondeu: “Quero.” Então Maria lhe devolveu seus filhos, a rainha ganhou de volta a língua e viveu por muitos anos em grande alegria.

Traduzido de Marienkind. In: Brüder Grimm. *Die älteste Märchensammlung der Brüder Grimm*. Cologny-Genève: Fondation Martin Bodmer, 1975